

VIAGEM NO TEMPO PARA ENTENDER 1932



PROFESSOR CÉSAR AUGUSTO JUNGBLUT
ACADÊMICO DE HISTÓRIA EDSON DAY
ACADÊMICOS DE HISTÓRIA DA TURMA HID 0141 DA UNIASSELVI
FLORIANÓPOLIS

Fotos e dados dos personagens foram inseridos à medida que os mesmos eram citados no texto.

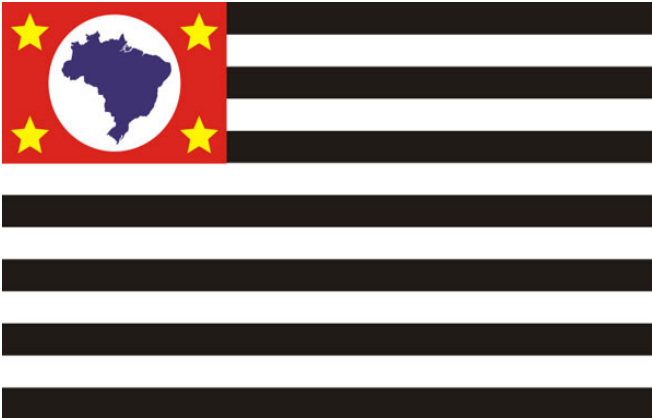
Luiz Antonio Batista da Rocha rocha@outorga.com.br – www.outorga.com.br



Para os paulistas, o dia 9 de julho tem um grande significado, a ponto de ser feriado estadual. Mas muitos paulistas, e também muitos brasileiros em outros Estados, pouco ou nada conhecem sobre o significado dessa data. Para entender o significado de **9 de julho** é necessário fazer uma viagem no tempo. Convido o leitor a fazer essa viagem, à época de 1932, e reviver os acontecimentos daquele tempo do Brasil.

O PODER PELA POLÍTICA DO CAFÉ COM LEITE

Há muito tempo, desde a época do Império, o Brasil mantinha o equilíbrio no poder alternando a presidência entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais, os dois Estados de maior força na época, sistema chamado de “Política do café com leite”.



Bandeira São Paulo



Bandeira Minas Gerais

Os outros Estados contentavam-se em assumir a vice-presidência e somente quando os Estados “donos do poder” não se entendiam, a presidência era assumida por outro, como foi o caso do paraibano Epiitácio Pessoa em 1919, presidente eleito entre o paulista Rodrigues Alves e o mineiro Artur Bernardes.



Paraibano – Epiitácio Lindolfo da Silva Pessoa

*** em Umbuzeiro - PB em 23/05/1865 e + em Petrópolis - RJ a 02/02/1942.**

Epiitácio Pessoa - governou o Brasil de 28 de julho de 1919 – 1922

Primeiro presidente a nomear civis para ministérios militares.

Decretou o "Estado de Sítio".

Em seu governo ocorreu o episódio dos "18 do Forte" (que na realidade eram apenas 11).



Francisco de Paula Rodrigues Alves
* Guaratinguetá, 07/07/1848
+ Rio de Janeiro, 16/01/1919)
Mandato 15/11/1902 até 15/11/1906
Vice-presidente Delfim Moreira
Precedido por Campos Sales
Sucedido por Afonso Pena

Francisco de Paula Rodrigues Alves foi um político brasileiro, Conselheiro do Império, presidente da província de São Paulo, presidente do estado, ministro da fazenda e o **5º presidente do Brasil**.

Governou São Paulo por três mandatos:

1. **1887 - 1888**, como presidente da província, e como
2. 5º presidente do estado de **1900 a 1902** e como
3. 9º presidente do estado de **1912 a 1916**.

O advogado **Rodrigues Alves** foi o último paulista a tomar posse como presidente do Brasil.

Foi eleito duas vezes, cumpriu integralmente o primeiro mandato (**1902 a 1906**).

Faleceu antes de assumir o segundo mandato (que deveria se estender de **1918 a 1922**).

Disputou e venceu nova eleição presidencial, venceu, mas não governou, porque morreu na **epidemia de gripe espanhola**.



Artur da Silva Bernardes
* Viçosa, MG - 08/08/1875
+ Rio de Janeiro, RJ - 23/03/1955

Foi um advogado e político brasileiro, **presidente do Brasil entre 15/11/1922 e 15/11/1926.**

Após formar-se na Faculdade Livre de Direito, iniciou sua carreira política como vereador e presidente da Câmara Municipal de Viçosa em 1906.

Foi deputado federal (de **1909 a 1910**) e Secretário de Finanças de Minas Gerais em 1910.

Eleito para um novo mandato de deputado federal (**1915 a 1917**), foi **presidente do estado de Minas Gerais entre 1918 e 1922.**

Mas o não cumprimento dessa “Política do café com leite” levaria o Brasil a sair do rumo da normalidade constitucional e o povo paulista a pegar em armas.

Em **1926** tinha sido eleito para presidente o senador **Washington Luiz Pereira de Souza**, ex-governador de São Paulo de **1920 a 1924.**



Washington Luiz Pereira de Souza



Washington Luiz Pereira de Souza

*** Macaé – RJ – 26/10/1869 + São Paulo – SP – 04/08/1957**

13º Presidente do Brasil Mandato 15/11/1926 até 24/10/1930

Vice-presidente Fernando de Melo Viana

Precedido por Artur Bernardes - Sucedido por Júlio Prestes

Foi um historiador e político brasileiro, 11º presidente do estado de São Paulo, 13º presidente do Brasil e último presidente da República Velha.

Seu lema: "*Governar é Construir Estradas*", não foi levado a sério na época, simplesmente porque o país não tinha dinheiro para construir estradas.

Foi deposto faltando 21 dias para o término do mandato pelas forças de **Getúlio Vargas**, recusando-se a deixar o governo, trancou-se no **Palácio do Catete**, sendo persuadido a capitular pelo **Arcebispo do Rio de Janeiro**,



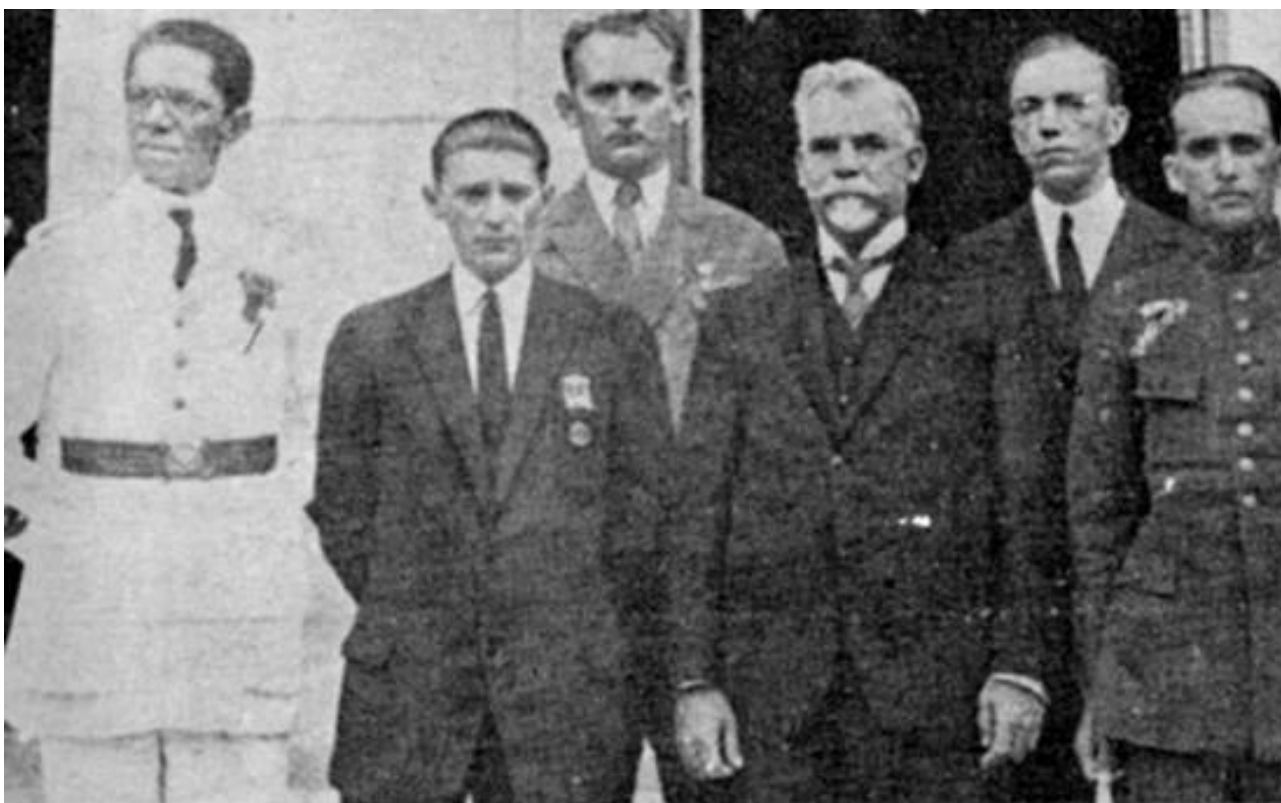
Cardeal Dom Sebastião Leme.

Uma das primeiras medidas que tomou foi acabar com o **Estado de Sítio**, imposto pelo seu antecessor **Artur Bernardes**.

Mesmo sem dinheiro, conseguiu melhorar a ligação viária entre **Rio-São Paulo** e **Rio-Petrópolis**. Muito pouco para quem usou na campanha o "*slogan*" "**Governar é construir Estradas**".



Em **5 de julho de 1927**, o **Brasil**, vibrou, ansioso com a chegada ao **Rio de Janeiro** do **hidroavião Jahú**, que conseguira a meta do "*rally*" **Gênova - Rio de Janeiro**; o aeroplano estava sob o comando **João Ribeiro de Barros**.



Após ser condecorada pelo presidente da República no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, a tripulação do Jahú posou para a foto: **Newton Braga** (de uniforme branco), **Ribeiro de Barros**, **Vasco Cinquini** (atrás), o presidente **Washington Luís**, **Mendonça** (atrás) e **João Ribeiro de Barros** (fardado)

Em 1º de outubro de 1927, o **Jornal do Comércio**, comemora 100 anos de circulação.

O **Presidente Washington Luis**, consegue ver escolhido para a presidência do **Rio Grande do Sul** o seu até então **Ministro da Fazenda Getúlio Vargas**.

Com uma pessoa de confiança, tentou pacificar os ânimos políticos naquele estado.



**A artilharia do Forte de Copacabana, foi levada para a praia,
Porém, não houve combates na Capital. (Rio de Janeiro)**



**Chegada do presidente deposto - Washington Luis ao forte de Copacabana;
O oficial em destaque é o Capitão Honorato Pradel, comandante do quartel.
(Gen Div Honorato Pradel – Presidente do Círculo Militar de 1949 a 1950).**

Em 1929, o presidente Washington Luis demonstra preferência pelo nome de Júlio Prestes (Júlio Prestes de Albuquerque, governador de São Paulo a época) para seu sucessor.

Cansados da política do café-com-leite, onde em geral se revezavam na presidência nomes de **Minas Gerais** e **São Paulo**, muitos estados reagiram contra a indicação de **Prestes** a presidência da república.

Foi formada uma coligação política com o intuito de lutar contra essa indicação; **Minas** também aderiu em virtude de aos olhos dos mineiros, era a vez deles de ter alguém na presidência. **Washington Luis**, insiste no nome de **Júlio Prestes**.

O governador de **Minas Gerais** **Antonio Carlos** (**Antonio Carlos Ribeiro de Andrada**), propõe o nome do gaúcho **Getúlio Vargas** antigo ministro da fazenda do presidente, como nome de conciliação.

Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, formam a coligação denominada **Aliança Liberal**, em torno do nome de **Getúlio Vargas**.

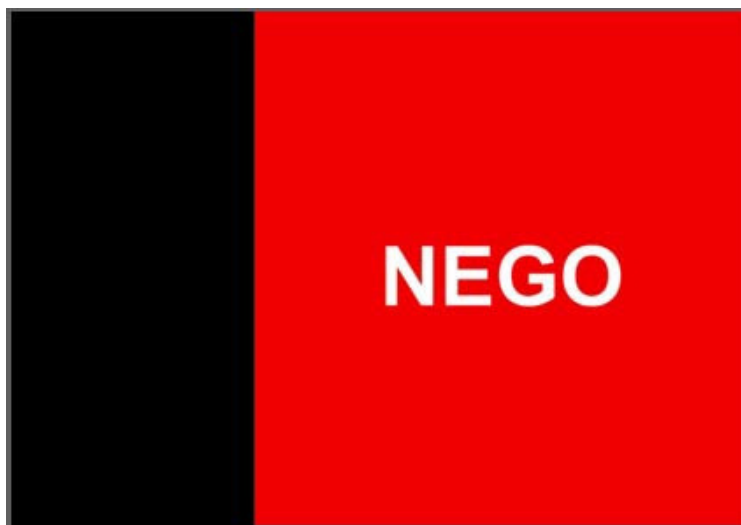
Em 10 de maio de 1929, **Washington Luis** recebe uma carta de **Getúlio Vargas**, até este momento seu aliado, garantindo que:

“o Partido Republicano Rio-Grandense não lhe faltaria com o apoio no momento preciso”.

Aparentemente o presidente confia nesta declaração. Começa a campanha eleitoral, de um lado **Julio Prestes** e **Vital Soares** de outro **Getúlio Vargas** e **João Pessoa**, governador da **Paraíba**.

O presidente pede apoio a candidatura de **Prestes** a **João Pessoa**, ele teria dito: **NEGO**.

Esta resposta virou mais tarde o lema que está estampado na bandeira do **Estado da Paraíba**.



Bandeira do Estado da Paraíba

Foi adotada pela **Aliança Liberal** em **25 de setembro de 1930**, a bandeira foi idealizada nas cores Vermelha e Preta, sendo que o **vermelho representa a cor da Aliança Liberal e o preto, o luto** que se apossou da Paraíba com a morte de **João Pessoa**, presidente do estado em 1929 e vice-presidente do Brasil em 1930, ao lado do presidente **Getúlio Vargas**.

A palavra "**NEGO**" que figura na bandeira é a conjugação do verbo "negar" no presente do indicativo da primeira pessoa do singular, remetendo à não aceitação, por parte de **João Pessoa**, do sucessor indicado pelo então presidente do Brasil, **Washington Luís**.

Posteriormente, em 26 de julho de 1965, a bandeira rubro-negra foi oficializada pelo governador do estado, **Pedro Moreno Gondim**, através do Decreto nº 3919, como "**Bandeira do Nego**" (à época ainda com acento agudo na letra "e"). O preto ocupa um terço da bandeira; o vermelho,

dois terços. Existe um pequeno movimento hoje em dia que **tenta mudar a bandeira do estado assim como o nome da capital.**

Em outubro de 1929 acontece o "**crack**" (quebra) da **Bolsa de Valores de Nova York**, foi o maior desastre econômico dos **Estados Unidos**, com pesados reflexos no mundo inteiro, inclusive no **Brasil**, devido a grande exportação de café brasileiro para aquele país.

Os fazendeiros entram em desespero, toda a riqueza do Brasil está fundamentada na cultura do café.

Os produtores pedem auxílio do governo, que também está quebrado.

Os políticos culpam o presidente e seu governo. **Washington Luis** contrai empréstimos no exterior, a inflação aumenta sensivelmente, o **presidente perde o apoio político de seus poucos aliados.**

Em **1º de março de 1930** são conhecidos os nomes dos vencedores das eleições presidenciais; são eleitos os candidatos do governo, **Julio Prestes** e **Vital Soares.**

A oposição não aceita os resultados, atribuindo a fraudes e coação por parte do governo de Washington Luis.

Os líderes da Aliança Liberal reagem, organizando um possível levante armado dos 3 estados contra o governo central.

Em **julho de 1930** o **ex-governador da Paraíba** e candidato derrotado na recente eleição para vice-presidente, **João Pessoa é assassinado dentro da Confeitaria Glória**, na Rua Nova (esquina com a Rua da Palma), no **Recife.**

Os dias que se seguiram ao assassinato de **João Pessoa**, foram cheios de controvérsias, sobretudo nos jornais. Mesmo o crime tendo ocorrido em público e cheio de testemunhas, os jornais publicaram o **nome do assassino como sendo João Suassuna**, um amigo de **Estácio Coimbra** então governador de **Pernambuco**, ambos desafetos de **João Pessoa.**

O assassino foi o advogado João Duarte Dantas, que por problemas políticos regionais, teve sua vida devassada a mando de **João Pessoa**, inclusive com sua casa no interior da **Paraíba** invadida; nesta invasão, algumas cartas que ele havia escrito para uma amante, foram publicadas em jornais.

FOI ASSASSINADO, EM RECIFE, O SR. JOÃO PESSOA

Publicado na Folha da Manhã, domingo, 27 de julho de 1930

O criminoso confessou que matou o presidente da Parahyba por uma questão de honra pessoal — O assassino —sr. **João Duarte Dantas**— alvejado pelo chauffeur da victima, recebeu alguns ferimentos.

Como se Deu o Crime – mantida a ortografia original

RECIFE, 26 — O sr. Duarte Dantas, ao aproximar-se do sr. João Pessoa, disse-lhe: - Eu sou o João Dantas. E detonou sua arma, cinco vezes em seguida, contra o presidente da Parahyba. O "chauffeur", que esperava na calçada fronteira, ao ouvir as detonações, correu para junto do sr. João Pessoa. Defrontando-se com o sr. Duarte Dantas, disse-lhe olhando para o presidente parahybano, que cahia:

— Um brasileiro como esse, não morre sosinho! E desferiu varios tiros contra o sr. João Duarte Dantas, que cahiu ferido na cabeça, dizendo: — Morro satisfeito. Verificou-se, depois, que o assassino do sr. João Pessoa foi victima, muito mais, do choque traumatico do que do ferimento na cabeça

Dados Sobre a Vida do Criminoso João Dantas

RECIFE, 26 O sr. **João Duarte Dantas**, que acaba de assassinar o presidente **João Pessoa**, fugira da Parahyba a cerca de 2 mezes e viera fixar residencia nesta cidade. Chefe politico no municipio de Teixeira, cunhado do deputado **João Suassuna**, o dr. **João Duarte Dantas** e sua familia, de grande prestigio em todo o interior do Estado, estavam em lucta com o presidente **João Pessoa**. Seu irmão, **Joaquim Dantas**, foi preso e recolhido na cadeia de Piancó, onde, durante 38 dias, soffreu castigos e humilhações, obtendo a liberdade por habeas-corpus do Tribunal da Parahyba. Diversas senhoras da familia **Dantas**, quando, em fins de fevereiro, a policia assaltou a cidade de Teixeira, foram presas e estiveram na cadeia publica, como criminosas communs. Ainda ha poucos dias, o órgão official do governo da Parahyba começou a publicar documentos particulares, subtraídos da residencia do dr. **João Duarte Dantas**, e o dr. **Dantas**, em represalia, iniciou nas columnas do "Jornal do Commercio", daqui, uma série de artigos contra o presidente **João Pessoa**.

Até hoje em muitos livros, revistas especializadas e sites a cronologia dos fatos é confusa, como se **João Pessoa** ainda fosse candidato quando morreu, por exemplo. **O fato é que as eleições já haviam acabado e o resultado proferido oficialmente.**

Na verdade ele tinha o hábito de tomar o famoso chá das 5 na **Confeitaria Glória**, com amigos nos finais de semana sempre que visitava o **Recife**; no entanto, neste dia em especial, provavelmente ele teria ido encontrar-se com uma certa cantora, com a qual mantinha um romance, pois pouco antes, ele havia comprado jóias na **Joalheria Krauser**, que foram encontradas em seu bolso.

Rapidamente o nome da **Capital do Estado da Paraíba** foi mudada para **João Pessoa** (antes chamava-se **Parahyba**) e a bandeira do estado ganhou o lema **NEGO**, palavra atribuída ao próprio **João Pessoa**, como resposta ao pedido de apoio ao candidato **Julio Prestes**, feito por **Washington Luis**. Às 17 horas do sábado, 26 de julho de 1930, o **presidente da Paraíba, João Pessoa** entra na confeitaria, acompanhado do **Professor Agamenon Magalhães** e de **Caio Lima Cavalcanti**, pouco tempo depois, **João Dantas**, entrou no salão da confeitaria decidido e falou:

“Sou João Dantas, a quem tanto humilhastes e maltratastes”. Usando o corpo do amigo de **João Pessoa**, **Agamenon Magalhães** como escudo, disparou contra o peito do político paraibano, **João Pessoa** caiu sem falar uma palavra, cruzou os braços sobre o peito, foi quando **Dantas** disparou mais uma vez, ferindo o ante-braço do presidente da **Paraíba**. Um certo tenente **Queiroz** entrou em luta corporal com **Dantas**, o motorista do morto sacou um revólver e disparou, ferindo a testa do assassino.



João Pessoa - assassinado



Funeral de João Pessoa

Dantas foi preso e levado para a **Casa de Detenção** na **Paraíba**, onde foi espancado e morto.

Oficialmente ele cometeu suicídio. O corpo de **João Pessoa** foi levado para a capital da **Paraíba**; isso fez com que todo o Estado ficasse um caos, um inferno, tumultos, tiroteios, incêndios, bombas explodiam por toda a parte; os distúrbios só começaram a melhorar depois que o corpo foi transladado para o **Rio de Janeiro** de navio.

Imagens retiradas do Livro 'Por que João Dantas Assassinou João Pessoa' e colhidas no site <http://www.princesapb.com/>.

João Duarte Dantas



“Foto original de Louis Piereck, tirada logo após o assassinio de Dantas e Caldas na Penitenciária do Recife.”



“Foto oficial também de Piereck, tirada por imposição da polícia. Nela o cadáver de Dantas encontra-se em nova posição, a fim de ocultar as contusões da testa e face.”



"O ferimento na testa de João Dantas aparece em destaque, desmentindo a versão de suicídio"

João Dantas: Suicídio ou Assassinato?

“Fique certo que nenhum Dantas se amedrontará nem se humilhará diante vosso capricho... Sou forçado lembrar, sem estardalhaço tão do agrado do vosso temperamento teatral, que felizmente tendes filhos, e juntamente com eles responderais pelo que sofrer a minha família.” (de um telegrama de João Dantas a João Pessoa)

"A procura do seu difamador percorria as ruas do bairro comercial. Depois de varejar todos os recanto veio encontrá-lo, sentado, em uma roda de amigos, na "Confeitaria Glória". Dominando a exaltação, natural do momento, controlou seus nervos que os sabia dominar. Enfrentando seu rancoroso inimigo, teve a altivez de lhe dizer quem era o autor do fim dos seus dias – “João Pessoa, sou Dr. João Duarte Dantas, a quem tanto injuriaste e ofendeste” - e isto lhe dizendo, por três vezes lhe descarregou a arma, para ele amiga, porque lhe pareceu que, naqueles disparos que o fizeram tombar, caia também o peso da inclemência que tanto o oprimia, e assim tinha, novamente, limpa a sua honra que, ignobilmente, fora tantas vezes ultrajada."

(do livro "Porque João Dantas assassinou João Pessoa")

“... Eu agi porque me afrontaram ao extremo, e o fiz sem ouvir a ninguém, por minha mão, por minha responsabilidade exclusiva...”

(de uma carta de João Dantas escrita da prisão, em Recife)

- “Mas Dr. Dantas, o Sr. cometeu o maior crime do mundo!”

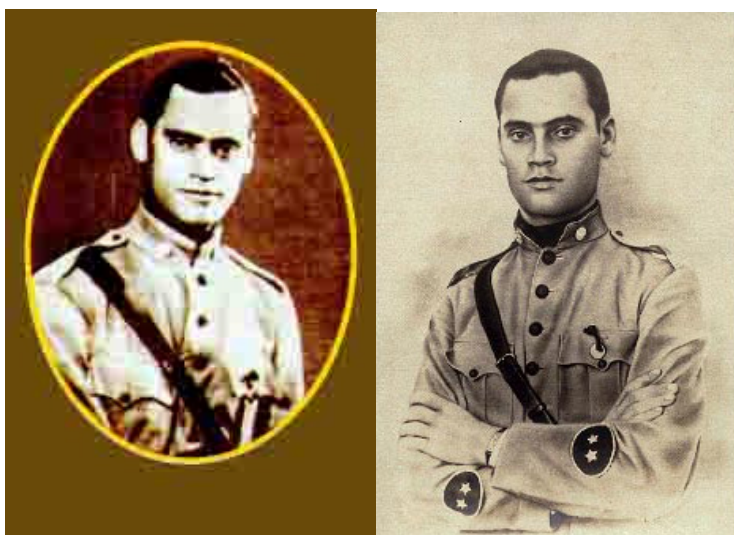
- Sim, Dr., depois que recebi a maior afronta do universo”

(do livro "Porque João Dantas assassinou João Pessoa")

"E, as 15h00 e mais alguns minutos eram barbaramente sangrados, miseravelmente mortos, na penitenciária do Recife, o engenheiro Augusto Moreira Caldas e o Dr. João Duarte Dantas. Trucidavam, os canibais, duas indefesas criaturas!"

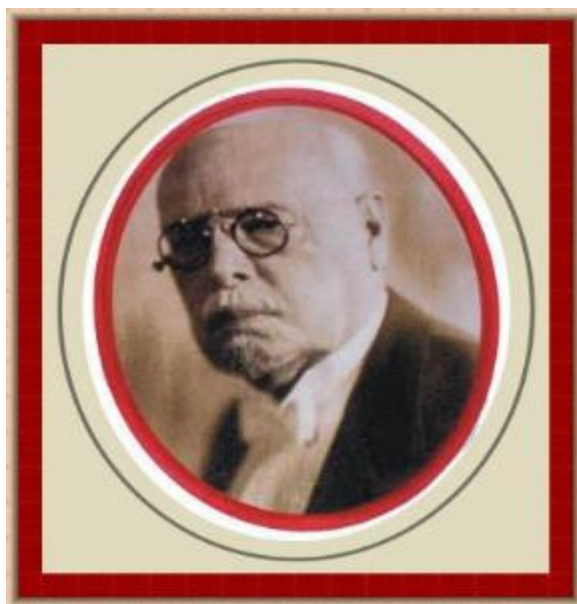
(do livro "Porque João Dantas assassinou João Pessoa")

Em 3 de outubro de 1930, estoura a revolução. **Juarez Távora**, vindo da **Paraíba**, consegue com facilidade substituir os governos locais por onde passa, **com exceção de Pernambuco, cuja resistência, foi digna de nota.**



Juarez do Nascimento Távora - 1930

Olegário Maciel encontra alguma dificuldade de controlar Minas Gerais, pois o 12º Regimento de Infantaria de Belo Horizonte resiste ao golpe.



Olegário Maciel

**Destacou-se como um dos chefes da revolução de 1930.
Foi o último presidente do Estado na República Velha.**

No sul, **Getúlio Vargas** avança sobre os estados de **Santa Catarina** e **Paraná** e segue para a região de **Itararé** (na fronteira do **Paraná** e **São Paulo**), esperando para atacar **São Paulo**, que é um reduto legalista, fiel ao governo central.

O presidente-eleito **Júlio Prestes** era paulista, e só tomaria posse em novembro de 1930, por isso **São Paulo** não aderiu ao golpe contra **Washington Luís**.

Às 22:00h de 23 de outubro de 1930 o General Nestor Sezefredo dos Passos, informa oficialmente ao presidente que a revolução já era um fato consumado.



**O general-de-divisão Nestor Sezefredo dos Passos (*Florianópolis, 29/02/1872 — + 18/10/1941)
Foi ministro da Guerra de 15/11/1926 a 24/10/1930, no governo de Washington Luís.**

Em 24 de outubro de 1930, depois de lançada de avião sobre a cidade do **Rio de Janeiro** a **Ordem de Operações nº 1**, os generais fiéis ao presidente tentam convencê-lo de que é inútil resistir, porém **Washington Luis**, não aceita as alegações, mesmo sob pena de haver derramamento de sangue em plena capital federal.

O presidente teria dito: "Só saio daqui morto!". O presidente é avisado que o Palácio do Catete seria bombardeado. Ele responde:

Podem bombardear! Porém pediu que sua família saísse da sede do governo.

Os **Generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Malan d'Angrone** tentam dialogar com o presidente, para que não haja mais derramamento de sangue. O presidente não demonstra medo pelo que possa acontecer caso não se entregue.



Palácio do Catete (atual Museu da República) cercado por tropas.

O **Cardeal Dom Sebastião Leme** consegue convencer o **Presidente Washington Luis** a deixar o **Palácio do Catete** e entregar o poder.

Segue de carro até o fim da **Rua do Catete**, para o **Palácio São Joaquim**, residência oficial do Cardeal, onde aguardaria seu destino. Mais tarde no mesmo dia segue para o **Forte de Copacabana**.



O Presidente Washignton Luis deixa o palácio do Catete, acompanhado do Cardeal Dom Sebastião Leme.

Uma **Junta Militar**, constituída pelo **contra-Almirante Isaías de Noronha**, pelos **Generais Tasso Fragoso** e **Mena Barreto** passa a governar o país.

Washington Luis é preso no **Forte de Copacabana**, sendo exilado na **Europa** alguns dias depois, junto com o **ex-Prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro), Antonio Prado Júnior**.



Chegada de Getúlio Vargas ao Centro do Rio de Janeiro



Em 31 de outubro de 1930, chega ao **Rio de Janeiro**, **Getúlio Dorneles Vargas**, aclamado pela população, um mês depois é empossado no **Palácio do Catete**, como chefe do **Governo Provisório**. Assim termina o período chamado de "**República Velha**".

Foi deposto em 24/10/1930, 21 dias antes do término do seu mandato como presidente da república, por um golpe militar, que passou o poder, em 03/11/1930, às forças político-militares comandadas por Getúlio Vargas, na denominada Revolução de 1930.

O apelido que o definia era **Paulista de Macaé**, pois, embora nascido no estado do Rio de Janeiro, sua biografia política foi toda construída no estado de São Paulo. Foi chamado também de *O estradeiro*, e, durante a Revolução de 1930, de “**Doutor Barbado**” pelos seus opositores.

Apesar de realizar muito pelo país surgiram muitas insatisfações com o seu governo, em especial devido ao grande desemprego e a repressão às constantes greves operárias e às restrições da liberdade de imprensa e de reuniões.

O Brasil, nessa época, passava por dificuldades sócio-econômicas, um reflexo da crise mundial que tinha ocorrido em **outubro de 1929** com a queda da economia, tendo sido afetados todos os setores econômicos do país causando grande desemprego.

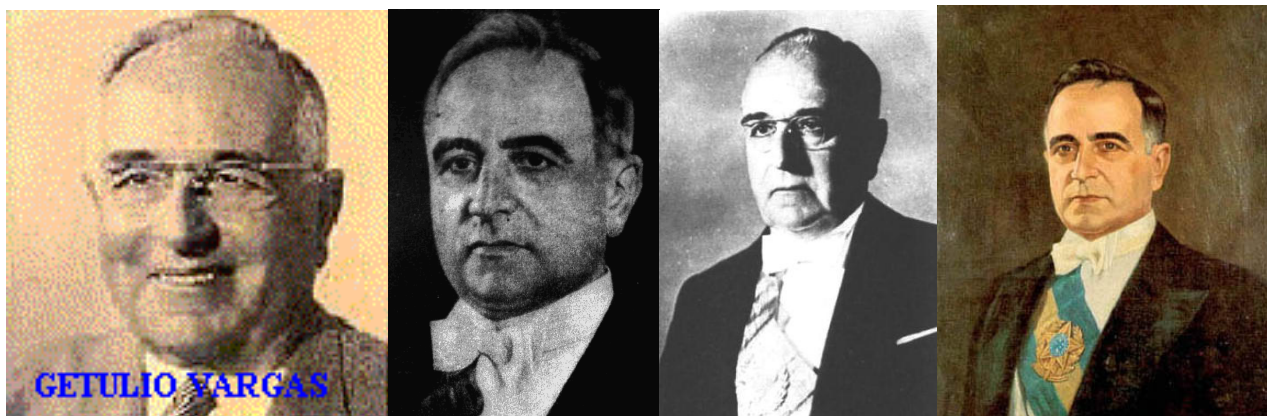
Havia **dois milhões de desempregados em todo o Brasil**, tendo a cidade de São Paulo em torno de **400.000** desempregados. Essa crise mundial tinha afetado, em especial, a monocultura do café, alicerce sócio-econômico do Brasil da época.

Além da insatisfação do povo, havia muita insatisfação nos opositores do governo e esta ficou maior quando o **presidente** não escolheu o candidato natural para presidente, pela "**Política café com leite**", o governador mineiro **Antonio Carlos**, mas escolheu o governador paulista **Júlio Prestes**.



Antonio Carlos – Governador Minas Gerais - 1930

O SURGIMENTO DE GETULIO VARGAS



Getúlio Dorneles Vargas

* São Borja, RS em 19/04/1882 - + Rio de Janeiro, RJ em 24/8/1954)

Foi um político brasileiro, chefe civil da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha depondo seu 13º e último presidente Washington Luís. Antonio Carlos não abria mão da vez de Minas Gerais assumir a presidência e desafiou:

- Se o próximo presidente não for mineiro, não o será paulista!

Com esse desafio, lançava a candidatura do governador gaúcho, Getúlio Vargas, sendo vice o governador da Paraíba, João Pessoa.

Eleição 1 março de 1930



Getúlio Vargas recebe 669 mil votos, contra 1.100.000 votos de Julio Prestes de Albuquerque. Alegando fraudes a Aliança Liberal, depõe o Presidente Washington Luís e impede a posse dos vencedores.



Washington Luís e seu Ministério.

**A sua esquerda o Vice-Presidente Melo Viana, na terceira fila a esquerda
o então Ministro da Fazenda Getúlio Vargas.**

Em primeiro de março de 1930, Júlio Prestes vence as eleições para presidente, mas Getúlio Vargas não aceitando ter sido derrotado, lançou Manifesto denunciando a eleição e agredindo o novo presidente.



Júlio Prestes de Albuquerque

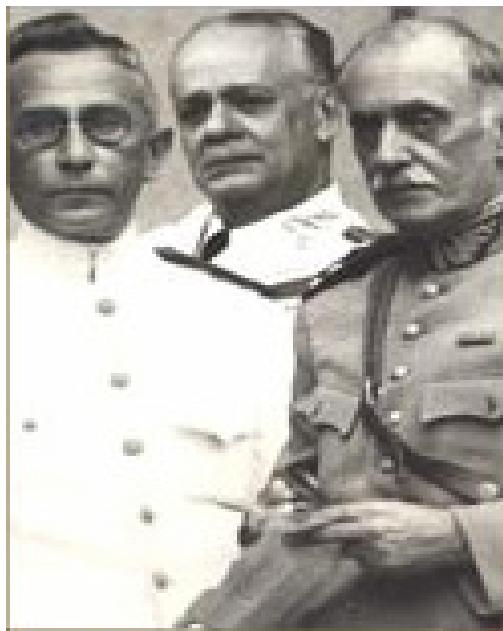
*** Itapetininga, 15/03/1882 + São Paulo, 9/2/1946**

**Eleito Presidente do Brasil em 1º março de 1930 - Mandato: Não assumiu
Vice-presidente Vital Soares - Precedido por Washington Luís
Sucedido por Junta Governativa Provisória de 1930**

Foi o último presidente do Brasil na República Velha. Não assumiu o cargo de presidente da república, **impedido que foi pela Revolução de 1930**.

Foi o último paulista a ser eleito presidente do Brasil. Foi o 13º e último presidente do estado de São Paulo (1927- 1930). **Em 23 de junho de 1930 tornou-se o primeiro brasileiro a ser capa da revista Time.**

A **Junta Governativa Provisória de 1930** foi um triunvirato governamental composto por:



- 1 - **Augusto Tasso Fragoso, general chefe da junta;**
- 2 - **José Isaías de Noronha, e**
- 3 - **João de Deus Mena Barreto.**

Assumiram a administração do governo brasileiro de 24 de outubro a 3 de novembro de 1930, quando Washington Luís foi deposto e seu sucessor Júlio Prestes foi impedido de tomar posse.



- 1) **Augusto Tasso Fragoso – General Exército – Sem partido político**
* em 28/08/1869 - São Luís, MA + em 20/09/ 1945 (76 anos) Rio de Janeiro, RJ
Presidente do Brasil - Mandato – 24/10/1930 até 2 de novembro de 1930
Precedido por Júlio Prestes - Sucedido por Getúlio Vargas

O general **Augusto Tasso Fragoso**, mais conhecido por **Tasso Fragoso**, foi um militar e escritor brasileiro, **chefe da Junta Governativa Provisória de 1930**, que assumiu o governo do Brasil depois que Washington Luís foi deposto em 24/10/1930 por um golpe de estado liderado por **Tasso Fragoso**, o qual impediu o presidente eleito **Júlio Prestes** de assumir a presidência da república e a entregou a **Getúlio Vargas** em 03/11/1930.



2 – Almirante - José Isaías de Noronha

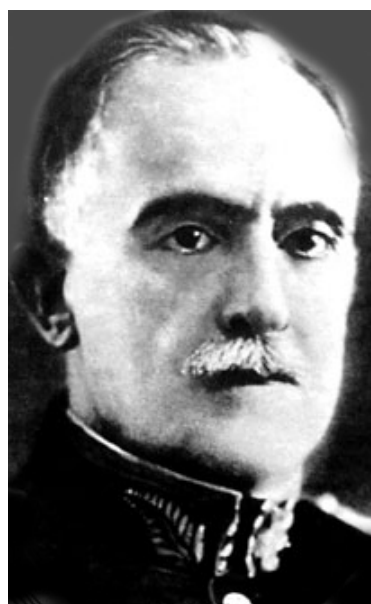
* Rio de Janeiro, 06/07/1873 + Rio de Janeiro, 29/01/1963)

Filho do general-de-divisão Manuel Muniz de Noronha e de Zulmira Augusta Aguiar.

Era sobrinho de Júlio César de Noronha, ministro da Marinha de 1902 e 1906, e primo de Sílvio de Noronha, ministro da Marinha de 1946 a 1951.

Tendo alcançado a patente de **almirante**, José Isaías de Noronha foi um dos integrantes da junta governativa que governou o país quando da eclosão da **Revolução de 1930**, constituída assim que **Washington Luís** foi deposto e **Júlio Prestes** impedido de assumir.

Seu período de governo foi de 24/10/1930 a 03/11/1930, (11 dias) junto com **Mena Barreto** e **Augusto Fragoso**, compondo a **Junta Governativa Provisória de 1930**.



3. João de Deus Mena Barreto

* Porto Alegre, 30/07/1874 — + Rio de Janeiro, 25/03/1933),

General brasileiro, foi um dos líderes da junta governativa que governou o país durante o período em que **Washington Luís foi deposto, e Júlio Prestes impedido de assumir.**

Seu período de governo foi de 24/10/1930 a 03/11/1930, junto com **Isaías de Noronha e Augusto Tasso Fragoso**, quando então entregaram o governo federal a Getúlio Vargas, líder da Revolução de 1930. **Foi ainda nomeado interventor no Estado do Rio de Janeiro no ano de 1931.**

A Junta governativa assumiu o governo no dia **24/10/1930.**

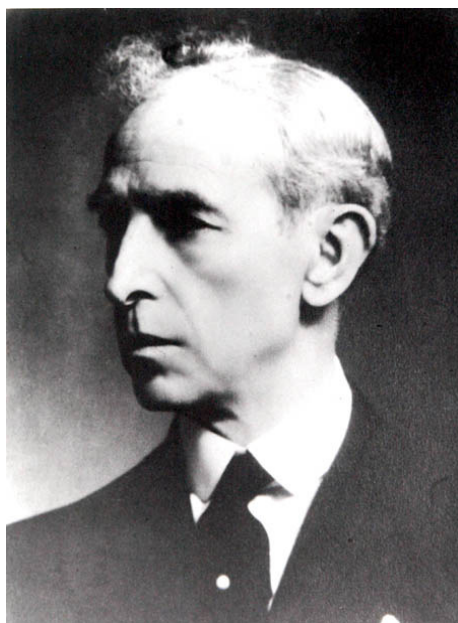
Ainda naquele dia, a junta organizou um novo ministério, do qual faziam parte, entre outros:



**O General-de-brigada José Fernandes Leite de Castro (Rio Grande do Sul, 1871).
Foi ministro da Guerra de 24 de outubro de 1930 a 28 de junho de 1932.**

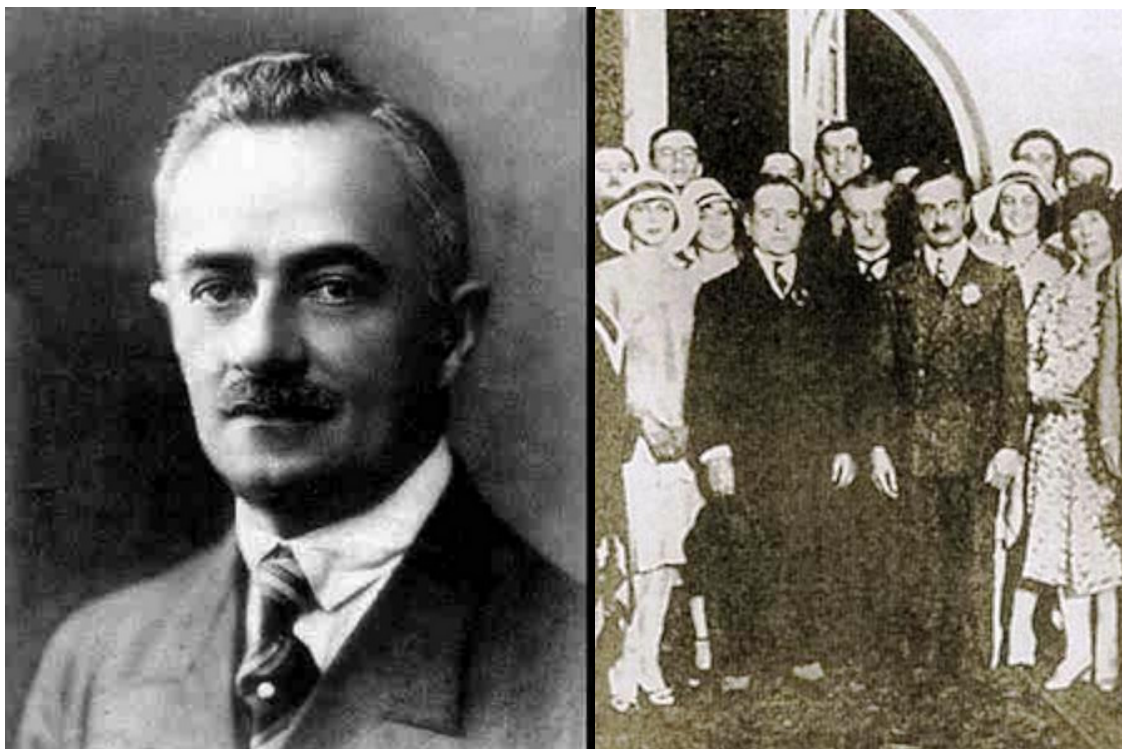


Isaías de Noronha (Ministério da Marinha) e



Afrânio Camorim Jacaúna de Otingi de Melo Franco
Paracatu, 25/02/1870 — Rio de Janeiro, 01/01/1943)
Foi um diplomata e político brasileiro. (Ministério das Relações Exteriores).

Com a situação na capital sob controle, a junta enviou o primeiro de uma série de telegramas a Getúlio Vargas, propondo a suspensão total das hostilidades em todo o país, mas nada adiantando sobre a transferência do poder aos chefes da revolução.



João Pessoa Cavalcanti Albuquerque
Presidente da Paraíba e candidato a vice na chapa de Getúlio Vargas
Getúlio e João Pessoa
João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque nasceu em Umbuzeiro (PB), em 1878.

Era sobrinho do ex-presidente da República **Epitácio Pessoa** e sobrinho-neto do barão de Lucena, presidente da província de Pernambuco durante o Império e ministro da Fazenda do governo de Deodoro da Fonseca.

Para piorar a situação, o ex-candidato a vice, **João Pessoa**, foi assassinado, por motivos pessoais, em uma confeitaria no Recife, no dia 26 de julho. A oposição logo transformou o morto em "**vítima do governo**" e isso foi um estopim para mobilizar todos, criando as condições que levaram a ser iniciado um movimento militar contra o governo federal.

E assim, no dia 3 de outubro explodiu a **Revolução de 1930**, comandada pelo gaúcho **Getúlio Vargas**, e sem luta armada, retirou do poder o presidente, faltando menos de um mês para o término do seu mandato. **Getúlio Vargas** assumiu como chefe de um **Governo Provisório** até serem realizadas novas eleições e elaborada uma nova Constituição.

Mas as suas ações no governo provocaram uma grande decepção em todos que tinham intenções democráticas e patrióticas.



Revolução 1930 –
(sem luta armada – Getúlio suspendeu a Constituição de 1891 – reformada em 1926)

Logo que tomou o poder, **Getúlio** imediatamente suspendeu a Constituição de 1891, dissolveu o Congresso Nacional, e por Decreto, assumiu poderes ilimitados de presidente, atitudes ditatoriais.

Substituiu todos os governadores e prefeitos e nomeou em seus lugares interventores federais, os "tenentes".

A substituição em massa das autoridades das cidades paulistas revoltou os **7 milhões de habitantes do Estado de São Paulo**, que passou, assim, a ser uma terra conquistada pelos "tenentes", os revolucionários de Getúlio, **membros da Legião Revolucionária e do Partido Popular Paulista**. Os representantes do Getúlio nos postos de comando do governo estadual, passaram a ter atitudes que não agradavam às lideranças do Estado.

Com o passar do tempo, o sentimento de revolta dos paulistas foi aumentando. Um dos manifestos publicados na época mostrava essa revolta:

"São Paulo repele com energia a intervenção de falsos guias e pretensos salvadores... Basta de sofrimentos e humilhações, de decepções e sobressaltos..."

O sentimento de revolta dos paulistas contra Getúlio Vargas e seus representantes começou a explodir em manifestações populares.

Em 25 de janeiro de 1932, no Largo da Sé, uma multidão manifestava a sua vontade de libertação da terra paulista. Em 17 de fevereiro foi criada a Frente Única, unindo todos os partidos políticos para: "lutar pelos ideais de "autonomia de São Paulo e pela constitucionalização do Brasil".

A cada dia mais paulistas aderiam a esses ideais e assim muitos setores da sociedade começaram a conspirar contra o governo de Getúlio.

Uma Comissão foi organizada, com militares e civis, para planejar as ações e coordenar, na capital e no interior, pessoal e materiais para a revolução.

Uma luta armada contra o governo imposto por Getúlio, era visto como o único caminho. Não havia mais condições de aceitar os desmandos do seu governo.

A indignação e revolta do povo paulista foi acontecendo num crescendo, aumentando a cada dia até que começou a explodir. **No dia 21 de maio** o povo recebia a notícia da chegada do ministro da Fazenda, **Oswaldo Aranha**.



Oswaldo Euclides de Souza Aranha

(Alegrete, Rio Grande do Sul 15/02/1894 Rio de Janeiro, 27/01/1960) foi um político e diplomata brasileiro.

Foi amigo e aliado de Getúlio Vargas e, foi o grande articulador da campanha da Aliança Liberal nas eleições e o **principal artífice da Revolução de 1930**.

Em vista da vitória do movimento, Oswaldo Aranha negocia com a Junta Militar, no Rio de Janeiro, a entrega do governo a Vargas. Posteriormente, foi nomeado Ministro da Justiça e, em 1931, ministro da Fazenda.

No processo de envolvimento brasileiro à **Segunda Guerra Mundial**, **Aranha** teve papel fundamental, representando no governo a ala pan-americanista, **defendendo uma aliança com os Estados Unidos** .

Em oposição aos chefes militares, capitaneados, principalmente pelo ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, que eram partidários de uma aproximação com a Alemanha.



16° Presidente do Brasil
Mandato 31/01/ 1946 até 31/01/1951
Vice-presidente - Nereu Ramos
Precedido por José Linhares -Sucedido por Getúlio Vargas

Rádios e jornais mobilizaram o povo contra essa visita e o que ela significava, os desmandos de Getulio Vargas. **No dia 22**, o povo agitado, mostrava nas ruas que **não aceitava a presença do ministro**.

Oradores inflamados discursavam em vários pontos da cidade e pediam armas para o povo e a **derrubada do governo de Getulio Vargas**.

O povo tinha estado tão agitado nesse dia que o **dia 23 de maio** amanheceu com o comércio fechando as suas portas e liberando os seus empregados que logo engrossaram a multidão que explodia em manifestações por toda a parte, **gritando contra Getulio e seu ministro**.

E vários choques começaram a ocorrer entre o povo e os membros da **Legião Revolucionária e do Partido Popular Paulista, que apoiavam Getulio**. Em todo lugar o clima geral era de guerra civil.

OS PRIMEIROS PAULISTAS A MORREREM PELO IDEALISMO - MMDC

Um grupo mais extremado alvejou a **tiros a redação do Correio da Tarde**, jornal de apoio a Getulio e em seguida **depredou as instalações do jornal A Razão, da família de Osvaldo Aranha**.

Outro grupo abriu à força casas de armas e munições das Ruas Boas Vistas e Libero Badaró.

A massa armada, em corrente descontrolada chegou até a esquina da Praça da República com Barão de Itapetininga, sede do **Partido Popular Paulista**.

O ataque começou, revidado por gente preparada e fortemente armada, de dentro da sede do Partido. A fuzilaria a cada momento aumentava, com uso de granadas, jogadas na praça. Os atacantes tentaram incendiar a sede do Partido com garrafas de gasolina.

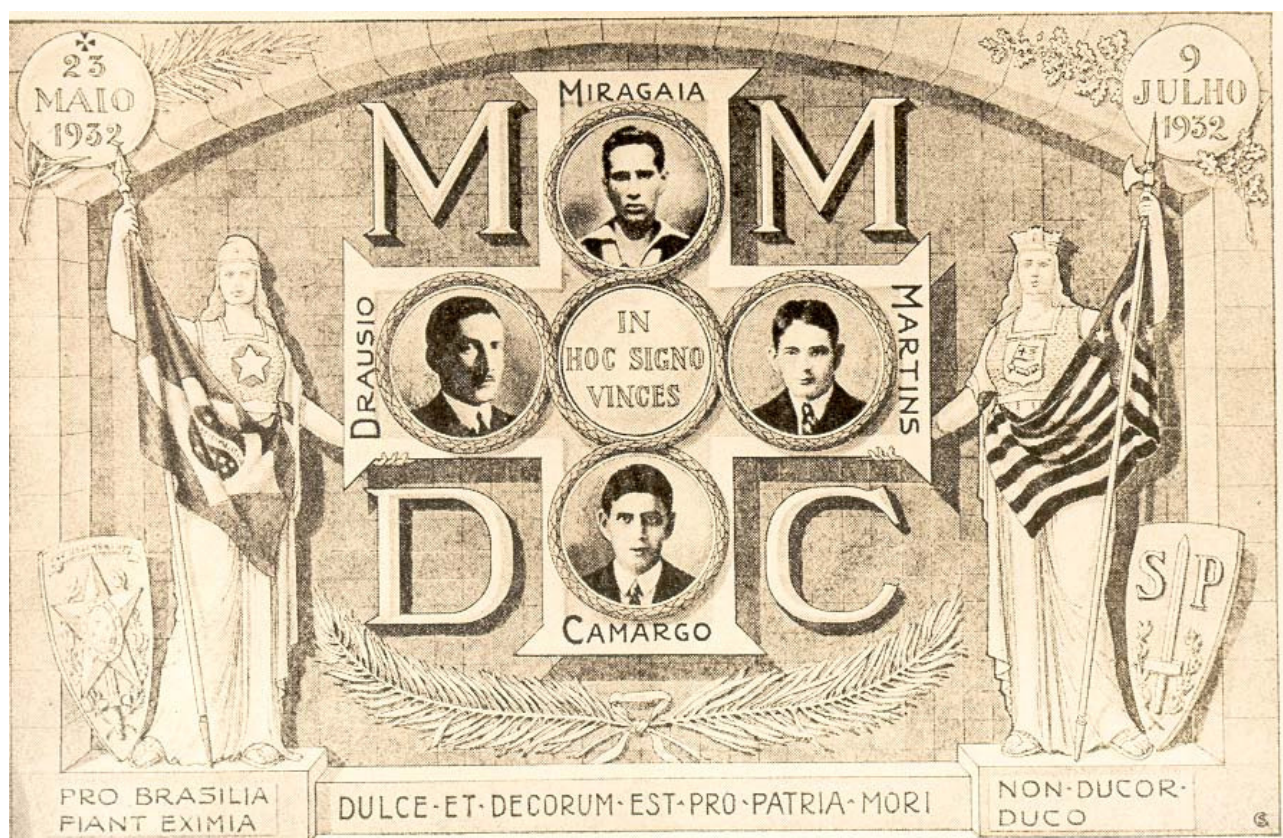
O tiroteio fez as primeiras baixas nos paulistas. Estavam no chão da praça:

1. **Mário MARTINS de Almeida,**
2. **Euclides Bueno MIRAGAIA e**
3. **Antonio Américo de CAMARGO Andrade.**

Durante a madrugada os líderes revolucionários denominaram o movimento paulista como "Guarda Paulista". Um outro ferido gravemente naquele dia 23, um menino de 14 anos, **DRÁUSIO Marcondes de Souza**, faleceu na tarde do dia 27 de maio.

À noite, os líderes rebatizaram o movimento revolucionário como "MMDC" em homenagem aos primeiros mortos.

Assim, as iniciais dos nomes dos primeiros que tombaram mortalmente formaram a sigla da sociedade M.M.D.C. (**Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo**), a "forja e o martelo da revolução", entidade que começou, ainda nos dias de maio, a se organizar e a reunir voluntários, técnicos, estudantes universitários, preparando pelotões de guerrilheiros do tipo "**apresentação e ação fulminantes**".



Esses pelotões começaram a ser organizados em toda a cidade de São Paulo e seriam ativados mediante senhas secretas, a serem transmitidas no momento do levante armado, e ocupariam pontos estratégicos, repartições públicas, estações ferroviárias, emissoras radiofônicas e outros locais escolhidos.



Pedro Manuel de Toledo (São Paulo, 29/07/1860 — Rio de Janeiro, 29/07/1935)

Foi um advogado, diplomata e político brasileiro. Foi o quarto interventor federal a ocupar o governo do estado de São Paulo.

Participou do movimento constitucionalista de 1932, sendo comandante civil da Revolução Constitucionalista.

Após o episódio de 23 de maio de 1932, quando foram mortos os estudantes Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, cujas iniciais deram origem ao movimento MMDC, foi aclamado governador civil da Revolução de 1932.

No dia 10 de agosto de 1932 o Governador Pedro de Toledo assinou o Decreto nº 5627 denominando a sigla M.M.D.C. como símbolo da Revolução.

Três meses de luta, São Paulo foi derrotado e Pedro de Toledo deposto, preso e exilado, só retornando ao Brasil em 1934.



Armas e munições foram distribuídas e a produção secreta de uniformes e outros materiais foi acelerada. O **M.M.D.C.** se organizou mais como a direção do abastecimento, a intendência, as finanças, a engenharia, a saúde, o correio militar, a propaganda, a mobilização popular e os serviços auxiliares.

Tudo está sendo preparado para ser acionado quando a revolução fosse iniciada...

Nos dias seguintes, tropas do Exército, chamadas de outras cidades, mantiveram a ordem na capital. Aparentemente a situação ficou em calma alguns dias. Mas era apenas aparência de calma antes de desabar a tempestade dos tiros de canhões.

Para piorar a situação, **Getulio Vargas** nomeou para **Ministro da Guerra** o general **Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso**, que estava reformado há mais de 10 anos e, por isso, era desconhecedor dos problemas do Exército.



Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso
General-de-Divisão (1932-1934)

E devido a "**também inspirar fundadas apreensões sob o aspecto moral**", foi feito um protesto por escrito contra essa nomeação, pelo **general Bertholdo Klinger, comandante das tropas federais em Mato Grosso e forte aliado da causa paulista**. O protesto do general Klinger precipitou a tempestade da revolta paulista.



General Bertholdo Klinger

Estado-maior revolucionário



Embaixador Pedro de Toledo, um dos líderes da revolução paulista de 1932



Comandante-em-chefe das tropas revolucionárias, general Izidoro Dias Lopes



General Bertholdo Klinger, o grande tático. Figura inconfundível da revolução



General Euclides de Figueiredo, comandante-em-chefe do Setor Norte

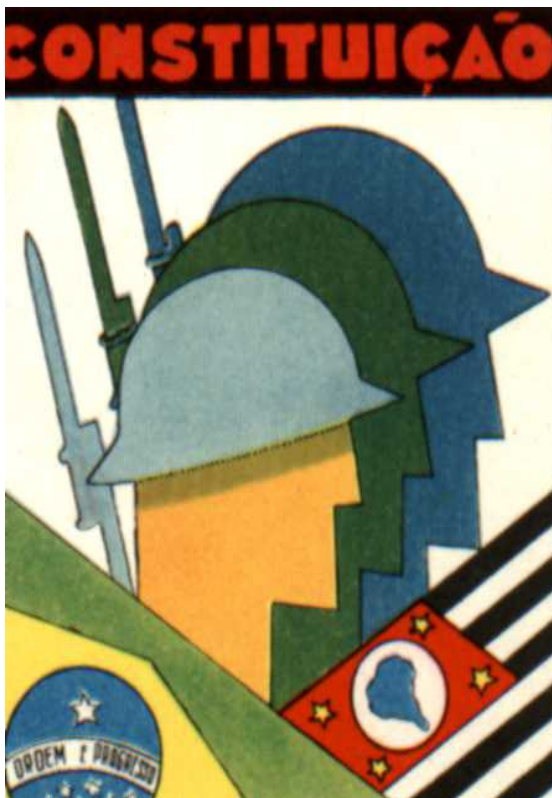


O coronel Palmério de Rezende, do Estado-maior da 2ª Região Militar



O Dr. Júlio de Mesquita Filho, um dos mais destacados inspiradores de 32

Fotos apresentadas pela primeira vez pela antiga revista **O Mundo Ilustrado**, do Rio de Janeiro, em edição especial comemorativa dos **22 anos da Revolução Constitucionalista de 1932**, publicada em **7 de julho de 1954**, mantidas as legendas e os textos que acompanhavam essas imagens



O DIA 9 DE JULHO DE 1932

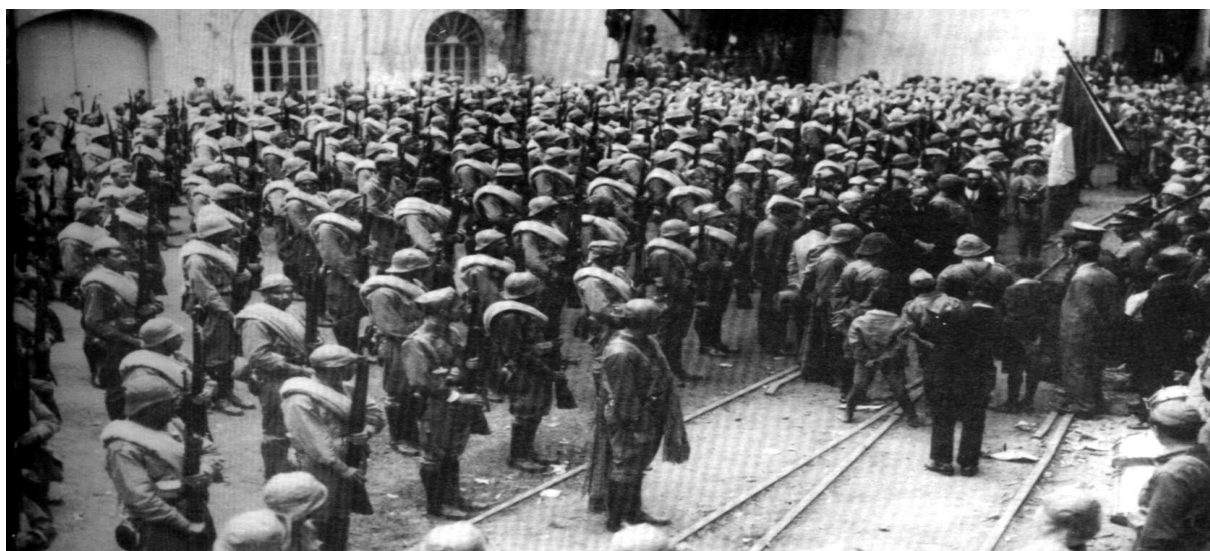


E às **23 horas da noite de 9 de julho de 1932**, sob o comando do **General Isidoro Dias Lopes e do coronel Euclides Figueiredo**, chefes do Estado Maior Revolucionário, explodiu o movimento militar dos paulistas contra **Getulio Vargas**, uma guerra civil, o maior conflito militar do Brasil no século XX.

Toda a população paulista se uniu nessa luta, desejando trazer de volta certos valores como liberdade e democracia, representados nos objetivos: eleições para presidente e governadores, e uma nova Constituição para o Brasil.

Devido a esses objetivos, a Revolução de 1932 foi chamada de Constitucionalista.

A SENHA E CONTRA SENHA DA REVOLTA PAULISTA



A senha "**Sergipe**" e a **contra-senha "37"** correram entre os civis já registrados e arregimentados em batalhões pelo **M.M.D.C.** e entre os militares da Força Pública (atual Polícia Militar), e das guarnições do Exército existentes no Estado de São Paulo.

As tropas paulistas não avançaram até o Rio de Janeiro. O plano era que São Paulo iria se levantar em armas junto com Minas Gerais e o Rio Grande do Sul.

O General Klinger desceria do Mato Grosso com uns 5.000 homens e juntos com outras tropas e voluntários seguiriam todos até a capital federal, o Rio de Janeiro, destituiriam Getúlio e uma Junta governaria o país, convocando eleições imediatamente e promulgaria uma nova Constituição no ano seguinte.

No entanto, as tropas paulistas pararam na cidade de **São José do Barreiro**, antes de Bananal, a última cidade paulista na estrada para o Rio de Janeiro. **Pararam na espera dos aliados gaúchos e mineiros para avançarem para o Rio de Janeiro. Mas os mineiros e gaúchos não chegaram e nem o reforço de tropa do General Klinger.**

Os paulistas, sozinhos, tiveram que enfrentar as tropas do Getúlio. Trincheiras foram cavadas nas várias frentes, e São Paulo ficou sozinho para a luta com 7 aviões, 44 canhões, contra 24 aviões e 250 canhões das forças do Getúlio.



Vestimentas e armas do soldado constitucionalista

AS FRENTES DE COMBATES

Entre São José do Barreiro, no nordeste paulista, e Cruzeiro, no sopé da serra da Mantiqueira, fronteira com Minas Gerais, posicionou-se o grosso da tropa paulista para fazer frente às tropas que viriam do Rio de Janeiro.

Na linha Jataí e Areias, posicionou-se força mista de infantaria e artilharia e sobre a ferrovia Central do Brasil, em Queluz, destacamento de infantaria e artilharia.

E em outros lugares pelo Estado de São Paulo, outras tropas estabeleceram as defesas das fronteiras. Os primeiros combates logo ocorreram.

Os paulistas nas trincheiras de vanguarda de São José do Barreiro, abriram fogo contra a tropa de Getúlio que avançava na penumbra da estrada, depois de terem tomado Bananal.

Atacando pelos flancos, a infantaria paulista colocou as tropas do Getúlio em desvantagem. O combate com muitos tiros durou horas, com grandes perdas de ambos os lados.

A tropa getulista não esperava encontrar paulistas aguerridos e destemidos, por isso recuou, correndo. Como as espadas que muitos deles tinham à cintura atrapalhassem a fuga, os soldados foram tirando da cintura a bainha com a espada e o cinto, largando-os por onde corriam...

No amainar dos combates, já altas horas da noite, a tropa paulista, conforme já planejado, recuou para uma melhor posição, no morro Fino, enorme morro na saída de São José do Barreiro. Nas trincheiras, naquela madrugada dos primeiros combates, os soldados receberam uma garrafinha de café, uma latinha do tamanho de um ovo, de leite condensado Nestlé e um pão com bolachas...



TRÊS MESES DE COMBATES POR IDEAIS

E por três meses, os paulistas lutaram sozinhos contra todos os outros Estados. Na retaguarda, o povo se uniu para ajudar em tudo o que fosse necessário.

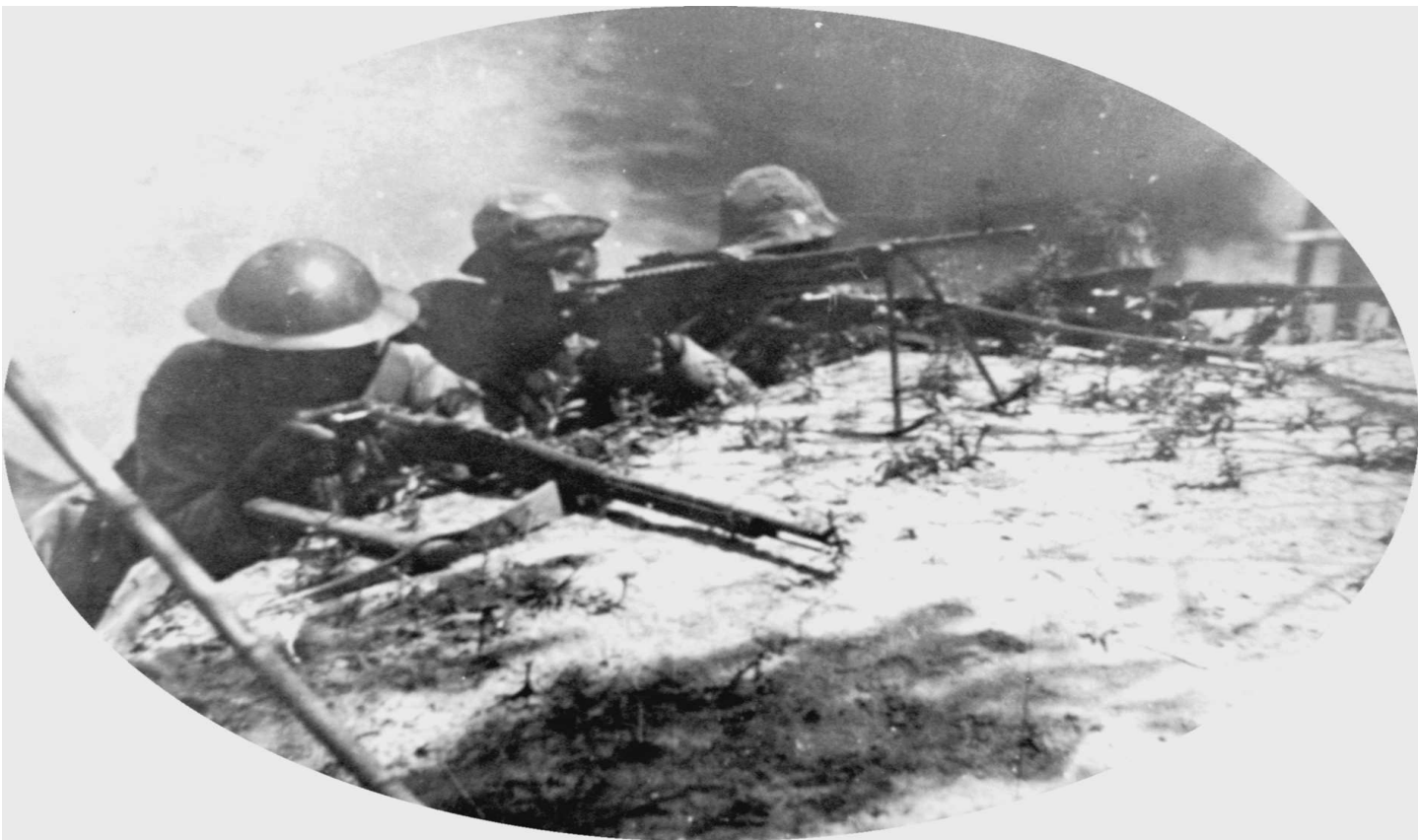
Voluntários civis aviadores pilotando aviões, outros lutando como soldados ou como padioleiros que recolhiam feridos levando-os da frente de combate para a retaguarda, mulheres costuravam uniformes, fazendo pão ou preparando alimentação que eram enviados aos combatentes...

Durante esses três meses, uma luta desgastante de trincheiras, com sangrentos combates aconteceram em várias frentes de luta, em especial nas fronteiras paulistas com Minas Gerais e com o Rio de Janeiro, o Estado onde ficava a capital federal e a sede do governo de Getúlio Vargas.



Ambulância

Essa região do Vale do Paraíba foi chamada de Frente de Combates Norte, ou Frente Norte, região do Vale, no lado paulista, que engloba as cidades de Bananal, São José do Barreiro, Areias, Silveiras, Lavrinhas, Queluz, Cruzeiro, Cachoeira Paulista, Lorena, Cunha, além de Guaratinguetá e Aparecida do Norte.



Combate nas trincheiras

DOIS EXÉRCITOS EM GUERRA, MAS EM CONTINÊNCIA À MESMA BANDEIRA

E nessa Frente Norte de combates, na alvorada do dia 7 de setembro, um fato marcante mostrou que apesar de lutarem em lados opostos, tropas paulistas e as governistas tinham no coração um mesmo país, o Brasil.

Os paulistas começaram a hastear a bandeira nacional no ponto mais alto das suas trincheiras, enquanto os clarins tocavam a saudação em continência à bandeira nacional.

Os combatentes paulistas subiram ao topo de suas trincheiras, expondo-se ao fogo das tropas de Getúlio. O tiroteio emudeceu do lado dos governistas e estes se colocaram também de pé, em cima das trincheiras.

Todos os combatentes ficaram de pé, ao sol daquela manhã de 7 de setembro de 1932 enquanto a bandeira verde-amarela tremulante subia ao topo do mastro, no dia em que se comemora a independência do Brasil.

Os dois exércitos adversários pararam a batalha para prestar continência ao símbolo do país pelo qual todos lutavam.

OS ÚLTIMOS COMBATES

Nos últimos dias de setembro, toda a Frente Norte de combates tinha recuado para as trincheiras da região de **Engenheiro Neiva**, entre **Lorena** e **Guaratinguetá**, região onde atualmente está localizada a empresa Basf SA.



As trincheiras de Engenheiro Neiva seriam o último lugar de combates da Revolução de 1932.

A última noite nessas trincheiras tinha sido terrível, com canhões 120 e metralhadoras cuspidando fogo, jogando terra em cima dos soldados, dentro das trincheiras ou explodindo dentro delas, tirando a vida de muitos paulistas. A batalha no último dia de combates se iniciou com o assalto das tropas de Getúlio. O fogo contra os paulistas durante esse último dia concentrou-se em cima da grande trincheira que cobria toda a região de Engenheiro Neiva.

Ao final da tarde do dia 2 de outubro, a batalha cessou, pois havia chegado a notícia da assinatura da rendição, feito em separado pela Força Pública.

Havia chegado a ordem de suspender o fogo e retirar toda a tropa, pois com a retirada dos soldados da Força Pública não havia mais condições de manter a luta.

Todos os combatentes que ainda estavam nas trincheiras, começaram a arrastar-se pelo valo das trincheiras, interligadas umas com as outras e começaram a recuar.

Bem afastados das trincheiras, caminhões esperavam os soldados. Os soldados recuavam para Guaratinguetá, onde pegariam um trem que levariam todos para a capital paulista.

OS IDEALISTAS DA ÚLTIMA TRINCHEIRA...

O dia escurecia. O último caminhão, com os faróis apagados seguiu pela estrada estreita, em direção à cidade, fechando o comboio de caminhões lotados de soldados e suas armas. Os soldados que estavam no último caminhão, olharam para trás, melancolicamente, para as trincheiras emolduradas pelo que ainda restava da luz do sol que já se escondia atrás dos contornos da Serra da Mantiqueira, ao fundo do Vale...

Estavam indo embora os idealistas das últimas trincheiras... A batalha das trincheiras de Engenheiro Neiva tinha sido a última batalha da Revolução de 1932.

As últimas trincheiras de 1932, imortalizadas no poema de **Guilherme de Andrade e Almeida**

"Oração ante a última trincheira"



Guilherme de Andrade e Almeida

Nasceu em Campinas, no dia 24/07/1890. Filho do jurista e professor de Direito Estevam de Araújo Almeida e de Angelina de Andrade Almeida, estudou nos ginásios Culto à Ciência, de Campinas, e São Bento e Nossa Senhora do Carmo, de São Paulo.

Em 1932 participou da Revolução Constitucionalista de São Paulo. Distinguiu-se também com heraldista. É autor dos brasões-de-armas das seguintes cidades: São Paulo (SP), Petrópolis (RJ), Volta Redonda (RJ), Londrina (PR), Brasília (DF), Guaxupé (MG), Caconde, Iacanga e Embu (SP). Compôs também um hino a Brasília, quando a cidade foi inaugurada.

Em concurso organizado pelo Correio da Manhã foi eleito, 16 de setembro de 1959, "**Príncipe dos Poetas Brasileiros**".

ORAÇÃO ANTE A ÚLTIMA RINCHEIRA
(Poesia de Guilherme de Almeida)

Agora é o silêncio...
É o silêncio que faz a última chamada...
É o silêncio que responde:
- "Presente!"

Depois será a grande asa tutelar de São Paulo,
asa que é dia, e noite, e sangue, e estrela, e mapa
descendo petrificada sobre um sono que é vigília.
E aqui ficareis Heróis-Mártires, plantados,
firmes para sempre neste santificado torrão de chão paulista.
Para receber-vos feriu-se ele da máxima
de entre as únicas feridas na terra,
que nunca se cicatrizam,
porque delas uma imensa coisa emerge
e se impõe que as eterniza.

Só para o alicerce, a lavra, a sepultura e a trincheira
se tem o direito de ferir a terra.
E mais legítima que a ferida do alicerce,
que se eterniza na casa
a dar teto para o amor, a família, a honra, a paz.
Mais legítima que a ferida da lavra,
que se eterniza na árvore
a dar lenho para o leito, a mesa, o cabo da enxada,
a coroa do fuzil.
Mais legítima que a ferida da sepultura,
que se eterniza no mármore
a dar imagem para a saudade, o consolo, a benção,
a inspiração.
Mais legítima que essas feridas
é a ferida da trincheira,
que se eterniza na Pátria
a dar a pura razão de ser da casa, da árvore
e do mármore.
Este cavado trapo de terra,
corpo místico de São Paulo,
em que ora existis consubstanciados,
mais que corte de alicerce, sulco de lavra,
cova de sepultura,
é rasgão de trincheira.

E esta perene que povoais é a nossa última trincheira.
Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que deu à terra o seu suor,
a que deu à terra a sua lágrima,
a que deu à terra o seu sangue!
Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que é nossa bandeira gravada no chão,
pelo branco do nosso Ideal,

**pelo negro do nosso Luto,
pelo vermelho do nosso Coração.**

**Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que atenta nos vigia,
a que invicta nos defende,
a que eterna nos glorifica!**

**Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que não transigiu,
a que não esqueceu,
a que não perdoou!**

**Esta é a trincheira que não se rendeu:
aqui a vossa presença, que é relíquia,
transfigura e consagra num altar
para o vô até Deus da nossa fé!
E pois, ante este altar,
alma de joelho à vós rogamos:**

**- Soldados santos de 32, sem armas em vossos ombros,
velai por nós!;
sem balas na cartucheira, velai por nós!;
sem pão em vosso bernal, velai por nós!;
sem água em vosso cantil, velai por nós!;
sem galões de ouro no braço, velai por nós!;
sem medalhas sobre o cáqui, velai por nós!;
sem mancha no pensamento, velai por nós!;
sem medo no coração, velai por nós!;
sem sangue já pelas veias, velai por nós!;
sem lágrimas ainda nos olhos, velai por nós!;
sem sopro mais entre os lábios, velai por nós!;
sem nada a não ser vós mesmos, velai por nós!;
sem nada senão São Paulo, velai por nós!**

O tiroteio das armas havia cessado. A Revolução de 1932 tinha chegado ao seu fim.

Não havia mais condições de lutar. Mas São Paulo havia combatido o bom combate, caindo de pé, moralmente vitorioso, apesar de derrotado nas armas.

Os paulistas haviam oferecido a sua carne e o seu sangue pela liberdade e pela constitucionalização do Brasil.

É como se tivessem gritando, como escreveu o Dr. Luiz Vieira de Mello em

Renda-se, paulista! (Gritou o inimigo, e o paulista responde)

“Homens da ditadura!

O lema de São Paulo é Vencer ou Morrer.

Estamos vencidos, vamos morrer!

Nesta cidade tendes tudo o que é São Paulo, quase tudo o que é o Brasil!

Aqui estão as suas fábricas,

as suas riquezas, as suas lavouras,

os seus homens e as suas famílias!

Vinde se quiserdes!

Fazei cantar os vossos canhões!

Roncai a metralha!

Avançai no assalto!

Tudo aceitaremos.

Ficais sabendo, que quando entrardes em São Paulo,

só encontrareis ruínas e cadáveres!

Tereis matado o Brasil!”

Os combates não chegaram a ocorrer dentro da cidade de São Paulo.

Iniciada a 9 de julho, a Revolução foi encerrada três meses depois, em **2 de outubro de 1932**, com armistício assinado na **cidade de Cruzeiro**, uma rendição assinada apenas pela Força Pública e não pelo comandante das tropas paulistas, **Cel Euclides Figueiredo**, pois ele havia considerado humilhantes demais os termos da rendição, no armistício proposto pelo **representante do Getúlio, general Goés Monteiro**.

Foram 135 mil soldados e voluntários paulistas que com bravura lutaram nas trincheiras do Vale do Paraíba e outras fronteiras de São Paulo, nos morros, nos túneis e nos vales.

“...A HISTÓRIA DE UM POVO QUE NÃO QUIS SER ESCRAVO...”



Frase costumeira de Getúlio – Trabalhadores do Brasil

O **promotor Ibrahim Nobre**, em discurso inflamado em praça pública em São Paulo, clamou contra o final da Revolução:

“A Revolução não deveria terminar assim. Depois que fossem os filhos, iriam os pais, depois que eles morressem, iriam as irmãs, as noivas. Todos morreriam.

Mais tarde, quando alguém passasse por aqui, neste São Paulo deserto, sem pedra sobre pedra, levantando os olhos para o céu, haveria de ler, no epitáfio das estrelas, a história de um povo que não quis ser escravo.”

Os principais chefes da Revolução de 1932 foram exilados em Portugal, tendo sido transportados pelo **navio-presídio Siqueira Campos**.

Eram 48 oficiais do Exército, 3 oficiais da Força Pública, e 53 civis, entre políticos, técnicos e intelectuais.

Um número elevado de outros foram confinados no grande presídio existente na Ilha Anchieta, em frente às praias Grande e Toninhas, em Ubatuba, litoral norte de São Paulo.

São Paulo havia forçado Getulio Vargas a fazer o país voltar à constitucionalização.

Do sacrifício de 830 paulistas que tinham tombado mortalmente nos combates, dando a sua vida e o seu sangue, pelos ideais democráticos, tinha surgido uma nova ordem e um novo Brasil, um país melhor.

São Paulo havia mostrado que tinha sangue para fazer Getulio Vargas a não usurpar a soberania nacional com seus desmandos e atitudes ditatoriais.

São Paulo havia reagido, com a Revolução de 32, às botas do caudilho Getulio Vargas, resgatando a liberdade...

O "vitorioso" Getulio promulgou uma nova Constituição, votada 723 dias depois de 9 de julho de 1932.

Mas ele, com a ânsia de poder que tinha, não respeitou essa nova Constituição, arquivou-a apenas pouco mais de mil dias de sua vigência, dirigindo o Brasil como ditador.

PARA OS IDEAIS DE 9 DE JULHO NUNCA MORREREM

E para que a luta e os ideais dos que lutaram em 1932 não caiam no esquecimento, é que no feriado paulista de 9 de julho são feitas as comemorações.

No Vale do Paraíba, uma das cidades que realiza essas comemorações, é a cidade de Cunha.

No dia 8 tropas de fuzileiros navais fazem a pé o mesmo percurso que os fuzileiros fizeram em 1932 quando subiram do litoral de Paraty para atacar Cunha.

E, dia 9 desfilam junto com tropas do Exército do 5º B.I.L. de Lorena, em um conagraçamento de duas tropas que lutaram em lados opostos, mas hoje prestam homenagem aos que lutaram dos dois lados e se matavam em nome do amor pelo Brasil.

E assim nas comemorações de Cunha e de outras cidades, no feriado de 9 de julho, é relembrado o feito dos paulistas e de outros brasileiros que lutaram por um Brasil melhor.

Essas comemorações e lembranças do significado de 9 de julho indicam que os ideais democráticos não morreram...



TELEGRAFO
DA
PRESIDENCIA DA REPUBLICA



Esp.	Telegrama de S. Paulo					
Via	N. 3	Pls. 62	Data 2	Hora 8,30		
Cop.	Urgentissimo Dr. Getulio Vargas.					
por Russomano	Rio					

Nr 579 E. M. - Diante insucesso combinação autorizastes entre chefes militares, no mesmo proposito ditou minha proposta suspensão hostilidades, foi ordenado retraimento geral minhas forças. Maxima necessidade, afin evitar calamidades extensão imprevisivel, seja ordenada limitação progressão forças federais e fazer conhecer toda urgencia principais condições Governo da União estabelece para a paz.

Gen. Klingner

O fim do conflito

Telegrama relatando o fim das hostilidades.

Em meados de setembro, as condições de São Paulo eram precárias.

O interior do Estado era invadido paulatinamente pelas tropas de Getúlio Vargas e a capital paulista era ameaçada de ocupação. A economia de São Paulo, asfixiada pelo bloqueio do porto de Santos, sobrevivia de contribuições em ouro feitas por seus cidadãos e as tropas paulistas desertavam em números cada vez maiores.

Vendo que a derrota e ocupação do Estado era questão de tempo, as tropas da Força Pública Paulista, atual Polícia Militar de São Paulo são as primeiras a se render, no final de setembro.

Com o colapso da defesa paulista, a liderança revoltista se rende em 2 de outubro de 1932 na cidade de Cruzeiro para as forças chefiadas por **Pedro Aurélio de Góis Monteiro**.

A maioria dos líderes paulistas, que não tinham sido exilados em 1930, foram, com a derrota de Revolução de 1932, exilados.

Notas:

Este artigo é baseado em fatos encontrados em vários livros, dentre eles:

"A Revolução de 32" de Hernani Donato;

"São Paulo contra a ditadura", dos capitães Heliodoro Tenório e Odilon Aquino de Oliveira e

"Contribuição para a história da Revolução Constitucionalista de 32" de Euclides Figueiredo
e do livro:

"1932 - Os deuses estavam com sede", do próprio autor, Antonio de Andrade, de Lorena, SP, cujo pai Firmo de Andrade Jr. lutou em 1932 como padoleiro.

Veja detalhes no site <http://www.editora-opcao.com.br/>

Leia, , outros artigos, com fotos, sobre esse tema:

."1932 e o Brasil de hoje: as Revoluções necessárias"

."1932 - Yes, o Brasil tem heróis"

."1932 e hoje: a ganância pelo poder"

."1932 visto por um menino de 10 anos" e

"1932 - O desespero hoje das viúvas de ex-combatentes".

O autor recebeu em 9 de julho de 1999, da Prefeitura de Cunha, SP, um diploma e medalha

"Paulo Virgínio - Herói Constitucionalista" pelo

"apoio, contribuição e ajuda á Memória da Revolução de 1932".

Fonte: <http://www.editora-opcao.com.br/ada12.htm>

Um comentário à parte por José Castellani

A ECLOSÃO DO MOVIMENTO

(...) Coube a **Júlio de Mesquita Filho**, em nome da **Frente Única Paulista**, redigir, junto com **João Neves da Fontoura**, representante da **Frente Única Sul-riograndense** no Rio de Janeiro, o Pacto entre os dois Estados, onde ficavam estabelecidos os **três objetivos do movimento**:

1. Prestigiar o comando da Região Militar do Rio Grande do Sul, que estava nas mãos do **gal. Andrade Neves**;
2. Prestigiar o governo civil de São Paulo, chefiado por **Pedro de Toledo**, e o secretariado imposto pelo povo paulista, no dia 23 de maio;
3. Defender a intangibilidade do comando de Mato Grosso, ocupado pelo **gal. Bertholdo Klinger**.

(Julio César Ferreira de Mesquita Filho (São Paulo, 14 de fevereiro de 1892 — São Paulo, 12 de julho de 1969) foi um jornalista brasileiro, seguiu os passos de seu pai, **Júlio de Mesquita**, proprietário do jornal **O Estado de S. Paulo**).

Este último item (3), foi exigido pelo **gal. Flores da Cunha**, interventor no **Rio Grande do Sul**, como o penhor da entrada do Estado na revolta.



gal. José Antônio Flores da Cunha

* Santana do Livramento, 05/03/1880 — + Porto Alegre, 04/11/1959) 79 anos
Governador do Rio Grande do Sul - Mandato: de 28/11/1930 a 17/10/1937
Precedido por: Sinval Saldanha - Sucedido por: Manuel de Cerqueira Daltro Filho

Foi justamente a destituição de **Bertholdo Klinger**, que provocou a imediata entrada de São Paulo na luta, de que **Flores da Cunha, infelizmente, não participou, não cumprindo a sua palavra.**

No dia 9 de julho de 1932, um sábado, a população paulista já tomara conhecimento da violenta reforma de **Klinger** e o clima reinante na capital de S. Paulo era de intensa e ansiosa expectativa.

No mesmo dia, chegava a São Paulo, para assumir a chefia do Estado Maior revolucionário, o **coronel Euclides Figueiredo.**

Este insigne militar, paulista de nascimento, comandava a **Segunda Divisão de Cavalaria do Rio Grande do Sul**, na fronteira com o Uruguai e a Argentina, por ocasião do golpe de 1930 ; por não ter aderido a este, foi destituído do seu comando e mandado para o Rio de Janeiro, onde solicitou sua reforma, que foi negada pelo ministro da Guerra, gal. **Leite de Castro**, sob a alegação de que o Exército e o Brasil necessitavam de seus serviços na ativa.

Em fevereiro de 1932, quando um grupo de oficiais decidiu comemorar o aniversário da Constituição de 24 de fevereiro de 1891, o Governo Provisório, chefiado por Getúlio Vargas, mandou prendê-los, tendo, Euclides Figueiredo, protestado, com veemência, o que viria a aproximá-lo dos elementos descontentes com Vargas.



Cel. Euclides Figueiredo

(Comandantes da 2ª Divisão de Cavalaria de 01/08/1928 a 12/11/1930.)

Segundo os jornais do dia **11 de julho de 1932**, **Euclides Figueiredo** chegou a São Paulo às 23 horas do dia 9, instalando o Q.G. revolucionário à rua Sergipe, nº 37, na casa cedida por **Moacyr Barbosa**;

Desse local partiriam, os revolucionários, para o assalto ao Q.G. da 2a. Região Militar, situado na Chácara do Carvalho. Todavia, segundo **depoimento do próprio Euclides**, ao "**O Mundo Ilustrado**", nº 75, de 7 de julho de 1954, ele viajou para S. Paulo na noite do dia 8, chegando no dia 9, às 9 horas da manhã, tendo, a revolução, eclodido às 11,40 hs.

Essa afirmação é corroborada pelo **gal. Aristóteles Ribeiro, capitão, na época da revolta**, que situa a chegada do emissário de **Euclides à 2a. R.M.** na manhã do dia 9.



gal. Aristóteles Ribeiro (capitão em 1932)

Toda a **2ª. R.M.** encontrava-se de prontidão, quando o comandante interino, **cel. Castro Pinto**, recebeu um emissário, **cap. Scipião de Carvalho**, que trazia um convite para uma conferência com **Euclides**, na rua Sergipe. (...)

Nesse encontro, **Euclides Figueiredo** expôs o objetivo dela: a revolução, perguntando, ao **coronel Castro Pinto**, qual seria a sua atitude.



coronel Castro Pinto

Este respondeu que a responsabilidade era grande e que só participaria, mediante **compromisso escrito dos chefes revolucionários, pois não confiava em compromissos verbais.**

Não podemos perder tempo com papéis. Precisamos de ação! ...respondeu-lhe Euclides.

E lhe deu prazo, até às 21 horas, para se decidir; caso não houvesse, a essa hora, uma resposta definitiva, invadiria o Q.G., para assumir o comando da Região.

Não havendo resposta até esse horário, Euclides, cumprindo a ameaça, chegou ao Q.G. da 2ª. R.M., onde a guarda confraternizou-se com os revolucionários e Castro Pinto entregou, pacificamente, o comando a ele.

Ao mesmo tempo, o cel. Júlio Marcondes Salgado Filho, comandante da Força Pública e que participara das confabulações iniciais, colocava todos os seus comandados à disposição das forças revolucionárias.



(Coronel Julio Marcondes Salgado Filho comandante da Força Pública, antiga denominação da Polícia Militar do Estado de São Paulo.)

Euclides, em seu primeiro ato, transferia o Q.G. da 2ª. R.M. para a rua Conselheiro Crispiniano e, sob a inspiração do gal. Isidoro Dias Lopes, chefe supremo da revolta, assumia o comando de todas as forças revolucionárias, entregando-o, no dia 12, ao gal. Bertholdo Klinger, e partindo para Cruzeiro, onde assumiria o comando da vanguarda das tropas constitucionistas.



gal. Isidoro Dias Lopes



gal. Bertholdo Klinger,



**Cel Euclides de Figueiredo,
Comandante-em-chefe do Setor Norte**

(...) Às 23,15 hs. do dia 9, as sociedades de rádio eram ocupadas por civis, sendo, a partir das 24 horas, irradiada a seguinte mensagem:

“De acordo com a **Frente Única Paulista** e com a unânime aspiração do povo de São Paulo e por determinação do **gal. Isidoro Dias Lopes**, o **cel. Euclýdes Figueiredo acaba de assumir o comando da 2ª. Região Militar**, tendo, como chefe do Estado Maior, o **cel. Palimércio de Rezende**.



**O coronel Palimércio de Rezende,
Chefe do Estado-maior da 2ª Região Militar**

A oficialidade da Região assistiu, incorporada, no Q.G., à posse do coronel, nada havendo ocorrido de anormal. Reina, em toda a cidade, intenso júbilo popular e o povo se dirige, em massa, aos quartéis, pedindo armas para a defesa de São Paulo".

(...) Às 15 horas do dia 10, no Largo do Palácio (Praça Anchieta), com a presença do Regimento de Cavalaria, dos legionários paulistas e de uma vibrante multidão, o **embaixador Pedro de Toledo, até então interventor federal**, era recebido sob aplausos e sob chuva de flores, lançadas pelas mulheres paulistas, e, sob os acordes do **Hino Nacional Brasileiro**, era aclamado **Governador do Estado de São Paulo**.



**O interventor federal - Pedro de Toledo, (maçon)
aclamado Governador do Estado de São Paulo
Líder Civil da revolução paulista de 1932**

Ao ato, encontravam-se presentes figuras de destaque no cenário político e cultural paulista:

Altino Arantes, César Vergueiro, Eloy Chaves, Menotti del Picchia, Cardoso de Mello, Mergulhão Lobo, Edmundo Krug, entre outros.



Altino Arantes



César Lacerda Vergueiro



Eloy Chaves



Paulo Menotti del Picchia

(...) No mesmo dia, às 19 horas, no Q.G. da Força Pública, já chegava a **30.000 o número de voluntários, inscritos e já armados**, enquanto uma verdadeira multidão, com representantes de todas as classes sociais, convergia para o Posto central de Recrutamento, na Faculdade de Direito, para se engajar nas hostes civis, que defenderiam a autonomia de São Paulo.

Eram maçons

Entre os principais participantes da **Revolução Constitucionalista**, os seguintes homens:



O Dr. Júlio de Mesquita Filho,
um dos mais destacados inspiradores de 32



Ibraim Nobre – O tribuno

Altino Arantes ; Pedro de Toledo ; Menotti del Picchia ; Ibrahim Nobre ; Paulo Duarte ; José Adriano Marrey Júnior (Grão-Mestre do Grande Oriente de S. Paulo) ; Benedicto Pinheiro Machado Tolosa (Venerável Mestre da Loja Piratininga e, depois , Grão-Mestre do Grande Oriente de S. Paulo) ; Thyrso Martins, Waldemar Ferreira ; José de Alcântara Machado de Oliveira; Mergulhão Lobo ; Piragibe Nogueira ; Cincinato Braga ; Frederico Abranches , tenente Cândido Bravo .



Paulo Duarte



José Adriano Marrey Júnior
(Grão-Mestre do Grande Oriente de S. Paulo)



José de Alcântara Machado de Oliveira



Piragibi Nogueira

Do livro "São Paulo na Década de 30" Editora Policor - S. Paulo – 1978

Síntese da Obra:

I - História Política; A Revolução de 1930; A Revolução Constitucionalista de 1932
Da Constituição ao Estado Novo II -História Social; Serviços Públicos na Década
Os Imigrantes; Atividade Cultural e Recreativa; A Moda no Vestuário
A Boêmia e os Cafés Literários; A Imprensa; Explosão Demográfica e Cultural
Principais Anunciantes da Década

Como foi tramado o 9 de Julho

Sérgio Rubens de Araújo Torres

Com o golpe de 23 de maio de 1932, a Frente Única conseguiu assumir o controle do governo de São Paulo. Vargas engole o sapo.

Ao longo do mês de junho, realizou um grande esforço para evitar a eclosão do movimento contra-revolucionário e permitir que o país chegasse em paz às eleições de 3 de maio de 1933.

Em seu diário, dias 6 a 8 de junho, Getúlio Vargas anota:

O coronel Manoel Rabelo [comandante da 2ª Região Militar] manda um emissário para manifestar-me sua desconfiança do novo governo paulista. Chamo o secretário da **Justiça de São Paulo**.

Acompanhava-o o **Dr. Morato [Franciso Morato]**. Tivemos ontem à noite longa conferência, assistida pelo **Oswaldo [Osvado Euclides de Sousa Aranha]**. Desfazem-se prevenções e queixas.

(Dr. Morato - Francisco Morato, piracicabano que lançou o manifesto "À Nação", rompendo com Getúlio Vargas, deflagrando o movimento constitucionalista comandado por São Paulo – No manifesto, apreendido pela polícia, o Dr. Morato expõe a situação de São Paulo, "rica e civilizada cidade da federação de ontem, hoje presa de guerra, amanhã toda desbaratada". Está preparado o terreno, a rebelião paulista se aproxima. Em 23 de maio de 1932, acontece a morte dos estudantes Miragaia, Márcio, Dráusio e Camargo (o MMDC).).

O passo seguinte foi a abertura de negociações para a constituição de um governo de concentração nacional que **integrasse as Frentes Únicas de São Paulo e do Rio Grande do Sul**.

Estavam vagas as pastas da Agricultura e da Justiça.

No dia 20, Getúlio Vargas registra em seu diário:

Instado por **Morato [Franciso Morato]** e **Oswaldo [Osvado Euclides de Sousa Aranha]**, recebo **João Neves da Fontoura** em nova conferência. Discutimos a recomposição do Ministério, a renúncia, em princípio, de todos os ministros e recusa minha, **substituindo apenas o do Ministro do Trabalho**, nomeando **João Alberto, (João Alberto Lins de Barros)** e preenchendo as duas pastas vagas, **Flores da Cunha, na Justiça, e Moraes Barros, na Agricultura.**

(Filho do coronel Isidoro Neves da Fontoura - João Neves da Fontoura - Como líder da representação riograndense em 1929, foi quem assinou com Francisco Campos o pacto Minas-Rio Grande, de que resultou a Aliança Liberal, que exerceu profunda influência nos destinos do Brasil. Foi líder parlamentar da Aliança Liberal na Câmara dos Deputados - Depois de 1930, passou a ocupar o posto de consultor jurídico do Banco do Brasil.)

(Getúlio Vargas assumiu a chefia do Governo Provisório e, pressionado pela liderança tenentista, decidiu nomear um delegado militar para governar São Paulo, o tenente João Alberto Lins de Barros). - Recife, 16 de junho de 1897 - Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1955) foi um militar e político brasileiro. Foi interventor federal no governo de São Paulo de 26 de novembro de 1930 a 25 de julho de 1931).

Queriam também a **substituição do ministro da Guerra** e do **interventor do Distrito (Federal)**, que não aceitei como base da discussão.

Quanto aos ministros mineiros, submeterei o caso ao presidente **Olegário (Dias Maciel)**, que tem agido em grande correção comigo.

(Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, quando as autoridades mineiras tiveram conhecimento de que no Município de Viçosa, o ex-presidente da **República Arthur Bernardes**, fiel a compromissos com dirigentes do Estado Paulista, concentrava tropas para operação de guerra, e o **governo do Presidente Olegário Dias Maciel - MG** destacou autoridades para impedir que os partidários de Arthur Bernardes se arregimentassem e se pusessem em marcha, foi quando se deu uma das prisões mais importantes, desta vez, na Estação de São Geraldo)

Morais Barros, do Partido Democrático, era secretário da Fazenda do novo governo de São Paulo.

Flores da Cunha era interventor no Rio Grande do Sul e oscilava entre a lealdade ao Governo Provisório que o nomeara e a **adesão à política da Frente Única** gaúcha, que consistia em anular São Paulo com o fito de estabelecer sua própria tutela sobre o governo Vargas e no limite, derrubá-lo.

Nas anotações dos dias 26 e 27, Getúlio deixaria registrado:

Resposta da **Frente Única Rio-Grandense**, exigências impertinentes dos libertadores, aprovadas pelo **dr. Borges. Neves** procura-me, e digo-lhe que venha no outro dia para receber a resposta.

Comunico-me com Flores (Flores da Cunha interventor RS), que se mostra mal impressionado com a atitude pouco conciliatória dos partidos rio-grandenses.

À noite, o capitão João Alberto e o general Góis Monteiro aparecem-me com o **general Espírito Santo Cardoso**, a quem, conforme já havia antes trocado impressões com oficiais revolucionários através de João Alberto, convido para ministro da Guerra. Ele aceita.



Miguel Costa, Góis Monteiro e Getúlio Vargas

Getúlio ainda apela a Morato no sentido de que as negociações não se encerrem.

Em seu diário, dias 30 de junho a 1º de julho, encontra-se o seguinte trecho:

João Neves publica nota nos jornais dando conhecimento do rompimento das negociações.

Chamo Morato de São Paulo, com quem converso na presença de Osvaldo e do General Góis sobre a atitude de São Paulo. Ele reafirma o propósito conciliatório e propõe a reabertura de negociações.

O presidente **Olegário Maciel**, após consultar-me, dirige-se à Frente Única Rio-Grandense, apelando no mesmo sentido.



Presidente (governador RS) Olegário Maciel



Olegário Maciel com Getúlio

É difícil dizer se, no caso, Morato estava sendo sincero ou, como de outras vezes, tergiversava.

O fato é que o **coronel Euclides Figueiredo**, que conspirava em nome da **Frente Única paulista**, três dias depois tentava aliciar o então **coronel Eurico Gaspar Dutra**, conforme depoimento do próprio:



Cel Euclides Figueiredo



Cel Eurico Gaspar Dutra

Na noite de **4 para 5 de julho de 1932**, procurou-me o então **capitão Benjamim Ribeiro da Costa**, no hotel em que eu residia em Três Corações [MG] e declarou-me que, como emissário do coronel **Euclides Figueiredo**, me convidava a tomar partido na revolução que ia explodir dentro de poucos dias.

(ED vp 1932.07.05 (Textual) -Documentos relativos à **Revolução Constitucionalista de 1932**, contendo: carta de **Benjamim Ribeiro da Costa** pedindo o apoio de **Eurico Dutra** para o movimento revolucionário; relatório.)

Respondi-lhe não poder aceder ao convite porque, por princípio, até então, tinha sido legalista.

Demais, havia sido classificado no comando do 4º. RCD pelo **ministro Espírito Santo Cardoso**, a pedido de seu filho **Dulcídio Cardoso**, que assim me retiravam de Mato Grosso, para onde fora mandado após a revolução de 30, e eu desejava ser leal para com ambos.

No dia **6 de julho**, o **general Bertoldo Klinger**, comandante da 6 Circunscrição Militar, Mato Grosso, precipitaria acontecimentos ao declarar-se em estado de rebeldia contra o ministro da Guerra recém nomeado.

Klinger chegaria em São Paulo, no dia 12, para assumir o comando das operações, iniciadas no dia 9 pelo **coronel Euclides Figueiredo**.

Chegou sem os 5.000 homens, 13 milhões de cartuchos e as peças de artilharia que havia se comprometido a levar para São Paulo.

Mais detalhes no texto ao lado, extraído do livro Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932, de autoria do coronel Euclides Figueiredo.



Na foto ao lado, de braços cruzados, Euclides Figueiredo. Acima, o general Bertoldo Klinger, comandante da 6ª Circunscrição Militar (MT)

DEPOIMENTO DE UM IDEALISTA E BRAVO SOLDADO

"Não pensava em sair do Catete nunca mais"



General Aristóteles Ribeiro

Confusão no Q.G. da 2ª R.M. no dia 9 de julho de 1932 - um capitão que teve coragem de opinar - revolução é ataque e não defesa - constitucionalista por ideal - Fala a O Mundo Ilustrado:

O general Aristóteles Ribeiro

Foi o **general Euclides Figueiredo** quem nos falou no **general Aristóteles Ribeiro** que - ao tempo da Revolução Constitucionalista - fora, como capitão, **elemento de valor de seu Quartel General**. Procuramo-lo.

Um emissário - "Estava de prontidão toda a **2ª Região Militar** por causa dos boatos de revolução - começou o **gen. Aristóteles Ribeiro** - e, por isso, toda a oficialidade de seu comando e os comandantes de unidades se encontravam no Q.G. da Rua Comendador Crispiniano quando ali chegou, no dia 9 de julho, pela manhã, um emissário - se não me engano, o **capitão Scipião de Carvalho** -, a fim de convidar o comandante interino da Região, **cel. Castro Pinto**, para uma conferência com o **gen. Euclides Figueiredo** na Rua Sergipe, 37".

Opinião decisiva - "Reunida toda essa oficialidade, esboçou-se um movimento de reação ao convite: não ir o coronel-comandante à conferência. Havia um pouco de confusão ante a emergência cuja gravidade se adivinhava.

"Resolvi manifestar-me, embora não fosse dos oficiais mais graduados: opinei para que o **cel. Castro Pinto** fosse à entrevista e ofereci-me para acompanhá-lo, fazendo-me responsável pela sua pessoa. Argumentei que pelo menos o nosso comandante ficaria sabendo do que se tratava em realidade, em meio de tantos rumores.

"Minha opinião foi aceita. O **cel. Castro Pinto** dispôs-se a ir. Organizaram-se, então, duas caravanas: uma composta do emissário, o coronel e eu; outra, do então **tenente Saraiva** (hoje coronel e que foi comandante do 1º B.C.) e mais dois oficiais."

Sergipe, 37 - "Na casa da Rua Sergipe, 37, acompanhamos, o **tenente Saraiva e eu, o cel. Castro Pinto** à presença do **gen. Euclides Figueiredo**, que expôs o objetivo da entrevista - **a revolução**

-, e perguntou ao coronel qual seria a sua atitude. O **cel. Castro Pinto** respondeu ponderando que outras sedições já haviam fracassado, que a responsabilidade era grande e que, no caso de decidir-se a participar de movimento semelhante, **somente o faria mediante compromisso escrito dos chefes militares revolucionários. Não confiava em compromissos verbais como os que afirmava haver o gen. Euclides Figueiredo.**

"- **Não podemos perder tempo com papéis - respondeu-lhe o gen. Euclides. - Precisamos de ação.**

"E, dirigindo-se a mim, perguntou que pensava eu: "- **Se houver a revolução, estarei com ela - respondi. "Também o tenente Saraiva respondeu afirmativamente."**

Ultimatum - "Então o **gen. Euclides Figueiredo** disse ao **cel. Castro Pinto** que lhe dava prazo para decidir-se até às 9 horas da noite. Caso, a essa hora, não tivesse uma resposta afirmativa da parte de nosso comandante, invadiria o Q. G. para assumir o comando da Região.

"Voltamos ao Q. G. da Comendador Crispiniano, onde, conhecido o resultado da entrevista, passou a reinar uma crescente confusão. E o prazo do *ultimatum* se venceu sem que o **cel. Castro Pinto** se houvesse pronunciado."

O **assalto** - "Cumprindo a ameaça, chegou o **gen. Euclides Figueiredo** para o **assalto**. A guarda confraternizou-se com a revolução e o **cel. Castro Pinto** entregou o comando ao **general revolucionário**.

"**Imediatamente, o gen. Euclides reuniu toda a oficialidade e expôs os objetivos da revolução em poucas palavras. Terminou declarando que ninguém era obrigado a aderir.**

Os que não quisessem participar do movimento que o declarassem, deixando na declaração o nome, o posto e a residência, e poderiam retirar-se para suas casas. Os outros seriam imediatamente aproveitados em missões da Revolução".

Mudança no Q. G.

- "A primeira providência que me coube cumprir, juntamente com o tenente Saraiva, e sob as ordens do **cel. Palimércio Rezende**, foi a mudança do Q. G. da Região da Rua Comendador Crispiniano para a chácara do Carvalho."

(Estas declarações quanto à mudança do Q. G. corrigem um engano na entrevista com o **gen. Euclides Figueiredo**, na qual não há referência ao Q. G. para a Rua Comendador Crispiniano).

Dificuldades

- "Nessa mesma noite - prosseguiu o **gen. Aristóteles Ribeiro**

- começou-se a organizar os comboios de tropas, os primeiros para **Cachoeira e Silveira**.

A marcha das tropas foi algo retardada por desentendimentos que opuseram dificuldades à rapidez da ação, particularmente as divergências com o **4º R. i. de Quitáuna**.

"O comandante do 5º R.I. de Lorena - cel. Ascendino de Ávila Melo, se não me falha a memória - por exemplo, não acreditou na adesão do 6º de Caçapava, e declarou que somente poria sua tropa a serviço da Revolução depois que passasse por Lorena o 6º de Caçapava, sob o comando do cel. José Joaquim de Andrade."

O fracasso

- "Mas - observa o gen. Aristóteles Ribeiro - não foram essas dificuldades iniciais a causa do fracasso da Revolução Constitucionalista, na qual servi, até o fim, no Estado Maior do gen. Euclides Figueiredo.

As causas foram diversas e concorrentes, porém quando nos conservamos apenas em defensiva, sem tomar a iniciativa de ataque e de avançar, eu disse:

- Estamos perdidos, ou melhor, a Revolução está perdida, porque revolução é ataque e não defesa."

No Paraguai

- "Todavia, restava-nos, a nós, idealistas, uma esperança: Mato Grosso, de onde poderíamos prosseguir o movimento.

E, assim, o cel. Palimércio, o filho dele, dr. Rezende, se não me engano tenente Nelson de Mello, da Marinha, e eu, rumamos para Mato Grosso (o Dr. Rezende é o que pertence hoje à alta administração da TV Record).

"Em Lagoa Rica, no entanto, tivemos notícia da contra-revolução em Mato Grosso. Só restava um caminho para nós - o do Paraguai.

Descemos da prancha da estrada de ferro os automóveis e rodamos até a Fazenda Bomjardim, onde se acabou a gasolina. Prosseguimos montados em *matungos* e fomos sair nas cabeceiras do Apa, depois de 11 dias de viagem. Dali para Assunção, onde estive dez meses."

Razões de revolucionário

- O gen. Aristóteles contou-nos vários episódios, seu exílio, a anistia, sua volta ao País, a reintegração no Exército.

A última unidade que comandou foi o 7º R. I. em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, de onde veio, em 1952, para o Ministério da Guerra, a chefiar a Divisão de Mobilização, havendo sido reformado em 1953.

"Foi a única revolução de que participei. Nunca conspirarei - afirmou-nos -, mas a resolução que tomei em 9 de julho de 1932, no Q.G. do gen. Euclides, na Rua Sergipe, 37, foi espontânea e de lealdade para comigo mesmo. Fiz-me revolucionário por ideal.

- E qual a causa de haver se tornado revolucionário?

Por quê abraçou a causa da Revolução Constitucionalista?

"Havia eu terminado o curso de Estado Maior quando fui transferido para São Paulo.

Saí do Rio muito aborrecido com a situação de meu país e da **ilegalidade ditatorial** em que vivíamos.

Os atos de Getúlio Vargas como chefe do Governo Provisório davam a entender que ele não pretendia realizar o plebiscito que prometera, nem eleições, nem pensava em sair nunca mais do Catete.

E isso não estava certo nem convinha ao Brasil - estava eu convicto.

Como vê, abracei a causa constitucionalista por ideal.

E é com tristeza que vejo como hoje se movem os homens apenas por interesse, esquecidos da Pátria e do Ideal. Pioramos, moralmente".

- Mas, valeu a pena a Revolução?

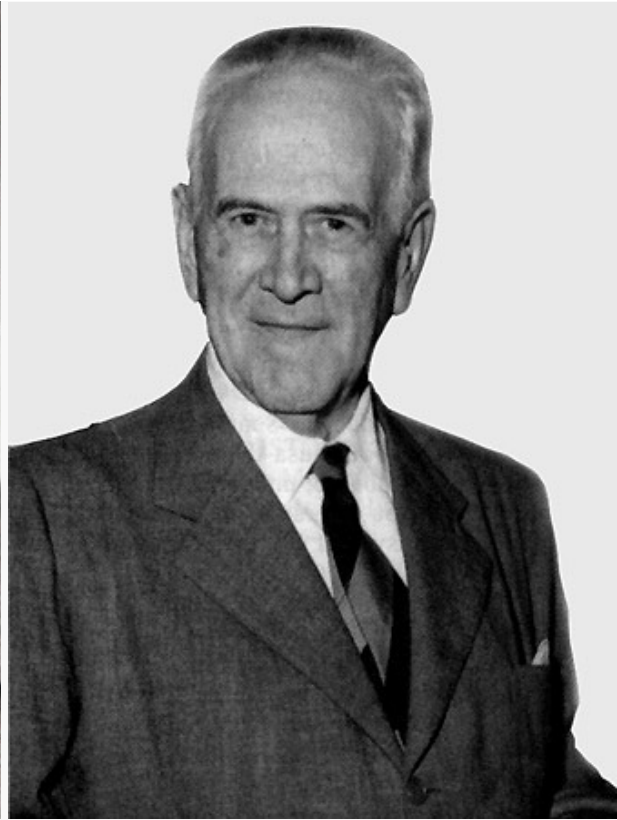
"Valeu. Valeu como lição, como exemplo para os brasileiros de hoje e do futuro.

Só não valeu para o Sr. Getúlio Vargas e para a maioria dos políticos brasileiros.

Por isso, reformado, não quis aceitar comissões que me foram oferecidas e espero que, depois de 35 anos de serviço ao Exército e à Pátria, possa daqui por diante dedicar meus dias à família e à educação dos filhos".

Lá de dentro, vinham as notas de piano da lição de música da filha do general.





Osvaldo Euclides de Sousa Aranha

Político gaúcho (15/11/1894-27/1/1960). Nascido em Alegrete, **Osvaldo Euclides de Sousa Aranha** é um dos arquitetos da Revolução de 1930, com grande influência no primeiro governo de Getúlio Vargas.

Inicia-se na política como intendente (equivalente a prefeito) de sua cidade natal e subchefe de polícia de Porto Alegre.

Em 1927 elege-se deputado federal. Com a vitória do movimento revolucionário, negocia com a Junta Militar, no Rio de Janeiro, a entrega do governo a Vargas.

Ministro da Justiça e Negócios Interiores em 1930, passa para a pasta da Fazenda no ano seguinte e é nomeado embaixador em Washington, de 1934 a 1937.

Deixa o cargo em protesto contra o Estado Novo, mas torna-se ministro das Relações Exteriores, de 1938 a 1944. Chefia a delegação brasileira na primeira Sessão Especial da Assembléia Geral da ONU, em 1947, e luta pela criação do Estado de Israel. Volta ao Ministério da Fazenda em 1953.

No governo Juscelino Kubitschek, retorna à ONU, à frente da delegação brasileira. Morre no Rio de Janeiro, aos 66 anos.

Julio César Ferreira de Mesquita Filho



(São Paulo, 14 de fevereiro de 1892 — São Paulo, 12 de julho de 1969) foi um jornalista brasileiro, seguiu os passos de seu pai, **Júlio de Mesquita, proprietário do jornal O Estado de S. Paulo.**

Seus primeiros estudos se deram na Europa, voltando ao Brasil para cursar a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no Largo de São Francisco. Estréia como jornalista na edição vespertina do "Estado", editada no transcurso da Primeira Guerra Mundial.

Afilia-se em 1917 à Liga Nacionalista, organização liderada por Frederico Steidel e Olavo Bilac, com vistas a democratizar os costumes políticos de um Brasil ainda oligárquico. Torna-se um dos mais jovens fundadores do Partido Democrático, em 1926, grupo formado por intelectuais e membros de uma nova elite urbana e liberal que combatia as práticas do velho Partido Republicano Paulista.

Sucedo a seu pai em 1927 e engaja-se ao término do governo Washington Luís na candidatura de Getúlio Vargas, que em sua Aliança Liberal apresenta um programa de reformas institucionais, tais como o voto secreto e o fim da política dos governadores.

Derrotado Vargas, Mesquita Filho apóia a Revolução de 1930, mas decepçiona-se com o descumprimento das promessas iniciais de Getúlio Vargas. Organiza dois anos depois o movimento conhecido por Revolução Constitucionalista de 1932 que exigia do governo provisório o estabelecimento de uma nova Carta ao País e o resgate das promessas perdidas de 1930.

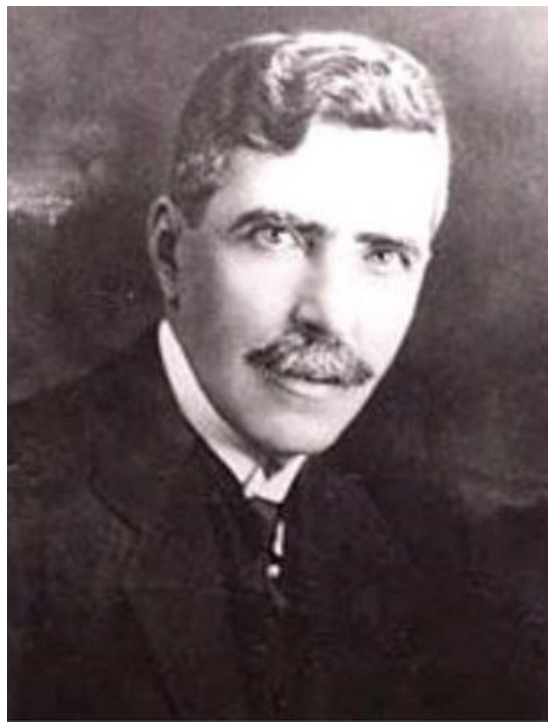
Exilado pela primeira vez após a derrota da Revolução, Mesquita Filho volta a São Paulo ainda a tempo de fundar, com seu cunhado Armando de Salles Oliveira, então interventor de São Paulo, a Universidade de São Paulo, vista pelo jornalista como essencial para a formação de uma nova elite política e cultural para o Brasil.

A partir do golpe do Estado Novo, em 1938, Julio de Mesquita Filho é preso 17 vezes e levado ao exílio pela ditadura. "O Estado de S. Paulo" é expropriado da família em 1940 e, somente em 1945, ante uma decisão do Supremo Tribunal Federal, é devolvido a seus legítimos proprietários.

Nos anos da República Nova (1946-1964), Mesquita Filho lidera seu diário nas lutas contra Vargas e seus seguidores, perfilando-se, ainda que assumindo uma postura crítica, à União Democrática Nacional.

Em 1964 apóia o golpe militar que derrubou João Goulart, mas rompe com o "partido fardado" logo após a edição do Ato Institucional nº 2, de 1965. A partir desse momento, Mesquita e seu "Estado" passam a uma crescente oposição ao regime dos generais. Ao tomar conhecimento, em dezembro de 1968, que o presidente Costa e Silva editaria o Ato Institucional nº 5, que terminaria por sepultar as liberdades públicas no Brasil, Mesquita escreve seu último editorial, "Instituições em Frangalhos". Na mesma noite, a edição do "Estado" era apreendida pela Polícia Federal, sob a promessa de ser liberada se a direção do jornal retirasse o editorial. Mesquita recusa-se.

Desgostoso com a censura imposta ao diário, o velho jornalista deixa de redigir as "Notas e Informações". Após submeter-se a uma cirurgia no aparelho gástrico, falece em julho de 1969, aos 77 anos, em São Paulo. Foi sucedido na direção do jornal por seu filho Júlio de Mesquita Neto.



Júlio César Ferreira de Mesquita,

Nasceu em Campinas, em 18/08/1862, filho de pai e mãe portugueses. O seu batistério registra o nascimento do fundador deste ramo brasileiro de Mesquitas e do jornalista que deu timbre ao "O Estado de S. Paulo":

"Júlio: aos vinte e dois dias do mes de septe mbro de mil e oitocentos e sessenta e dois, na Matriz desta cidade de Campinas, o Reverendo Coadjutor Sabato Antonio de Luca baptisou e poz os Santos oleos a Julio, de trinta dias, filho de Francisco Ferreira Mesquita e d. Maria da Conceição

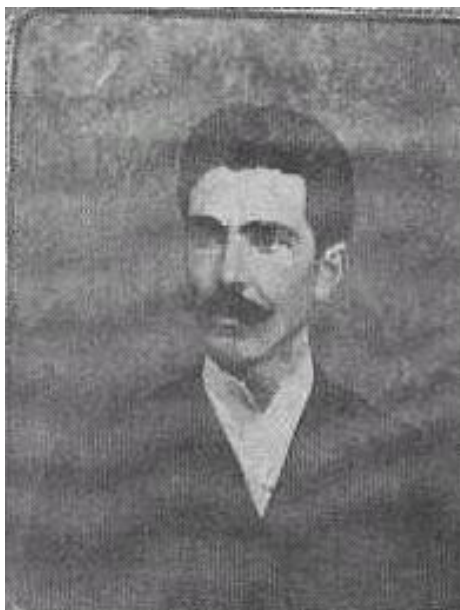
Ferreira Mesquita. Foram padrinhos Antonio Julio Ferreira Mesquita e Maria Ferreira Mesquita” (Livro 09, do Registro de Batizados da Catedral, folha 87 v-88).

Há também um mistério neste batizado, pois foi descoberto por Mário Pires, outro batistério de Júlio de Mesquita, afirmando que o mesmo teria se batizado um ano antes, em Santa Bárbara. O pesquisador campineiro sugere duas hipóteses para tal fato. Este registro anterior teria sido forjado para se matricular na Faculdade de Direito, antes da idade requerida, ou, transcrevendo textualmente outra conjectura: “...Os Mesquitas seriam de origem israelita, ou cristãos novos.

A ser verdadeira a alegação, talvez pudesse explicar em parte o mistério dos dois registros, com elementos da família interessados em despistar ou encobrir a verdade dos fatos, a fim de não encontrarem resistências no meio social onde viviam” A única aproximação conhecida de Júlio de Mesquita e o Judaísmo, foi a “leitura assídua da História do Povo de Israel”- como lembrou o filho, herdeiro e consagrador do nome, que “seria decisiva para a formação de sua personalidade cultural”.

Com a idade de 3 anos foi para Portugal com seus pais, onde fez os primeiros estudos. Regressando, estudou em Campinas, nos colégios Morton e Culto à Ciência.

Estreou nas letras com o conto “Um lindo Natal”, publicado no “Almanaque Popular” de Campinas, em 1877. Foi apoiado por sua família em seus estudos. Formou-se pela escola do Largo de São Francisco em Direito, em 1883.



O certo é que **Júlio de Mesquita** casou-se com uma jovem pertencente ao patriciado cafeicultor paulista, Lucila de Cerqueira César, filha do senador José Alves de Cerqueira César (S. Paulo, 1835 - S. Paulo, 1911), vice-governador do estado bandeirante, e de Maria do Carmo Salles, irmã de Manuel Ferraz de Campos Salles, presidente da República, tetraneta de Francisco Barreto Leme, o fundador de Campinas.

O casal Júlio César e Lucila teve doze filhos: Ester, Rachel, Rute, Maria, Júlio, Francisco, Sara, Judite, Lia, José, Suzana e Alfredo Mesquita.

Deixou a carreira de advogado tomado por uma intensa paixão: o jornalismo e a política. A trajetória política deu início quando foi eleito vereador em Campinas, seguido pelo cargo de secretário do primeiro governo provisório republicano de São Paulo. Foi deputado à Constituinte paulista, senador estadual e deputado federal.

Mesquita gerenciou o jornal A Província que, outrora fora fundado por adeptos do partido Republicano Paulista. O impresso tinha uma edição de quatro mil exemplares. Porém, não era conhecido fora do território paulista. Nas mãos de Mesquita, o órgão ganhou importância nacional, sendo conhecido também pelo maior parque gráfico.

Júlio de Mesquita assumiu em 1891 a direção de “O Estado de São Paulo”, dando início a dinastia que hoje controla o jornal e também a empresa.

No ano de sua morte, 1927, aos 65 anos de idade, o jornal sobrepujava os 60 mil exemplares diários. Mesquita julgou prudente, romper relações com o governo Campos Salles - parente de sua esposa, Lucila Cerqueira César. A decisão desagradou os acionistas do jornal. Investiu na compra de suas participações e passou a ser "publisher" do veículo.

Orgulhava-se, pois, agora o jornal seria como sempre sonhara: livre, sem qualquer vínculo partidário. E mais do que nunca, democrático.

Nas páginas do Estadão vinculavam seus ideais. Apresentou a todos os leitores os vícios da "política dos governadores", repreendeu o caudilhismo, era a favor do voto livre e apontou a instrução pública como único meio pelo qual a democracia poderia ser consolidada. Integrou-se a campanha civilista de Ruy Barbosa, "devoto" de Olavo Bilac, apontou os erros contidos nas oligarquias. Com grande exaltação foram propagados nacionalmente seus comentários políticos. Em 1924, durante a revolução, Mesquita foi preso e a circulação do jornal suspensa.

Em 1902, era editor da série de reportagens de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos, que traria a grande obra Os Sertões, "best-seller" da literatura brasileira.

Problemas pulmonares o levaram ao afastamento de suas atividades. Vindo a falecer em São Paulo, à 15 de março de 1927.

Seu nome é uma das principais avenidas do Bairro Cambuí. Tendo ao longo da mesma um monumento em sua homenagem.



Euclides de Oliveira Figueiredo
(Rio de Janeiro, 1883 - Campinas, 1963),

Foi militar brasileiro. **Euclides Figueiredo** cursou a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, tendo, ainda quando era seu aluno, participado da revolta da vacina, na então capital federal. Foi preso e depois anistiado e reincorporado ao Exército, quando ingressou na Escola de Artilharia e Engenharia do Realengo.

Formou-se em ciências físicas e matemáticas, em 1910, tendo feito estágio no exército alemão, compondo depois do seu retorno o grupo de militares conhecidos como "jovens turcos", que defendia a modernização do exército brasileiro por meio da revista "A Defesa Nacional"

Euclides de Figueiredo esteve presente em diversos episódios da história brasileira, tais como:

1. **A Revolta do Contestado,**
2. **A revolta no Forte de Copacabana,** mais conhecida como 18 do Forte e
3. **A Revolta Constitucionalista.**

Nas duas primeiras participou do combate a elas, já da última foi um dos comandantes, ao lado do **Bertoldo Klinger**, por não apoiar a Revolução de Outubro. Foi preso e exilado, retornando ao Brasil em 1934, quando tentou, sem sucesso, uma cadeira como deputado.

Após a instauração do Estado Novo, novamente passou a se opor a Getúlio Vargas, apoiando a revolta integralista. Novamente preso, cumpriu quatro anos de prisão e **perdeu a sua patente de coronel do Exército.**

Em 1945, na redemocratização do país, foi filiado à União Democrática Nacional (UDN), elegendose deputado federal constituinte.

No ano seguinte foi reintegrado ao **Exército com a patente de general** e, imediatamente, transferido para a reserva.

Em 1950, disputou, sem sucesso, uma vaga no Senado pelo Distrito Federal.

Um de seus filhos, o general João Batista de Oliveira Figueiredo, foi o último presidente da República do regime militar, encerrado em 1985.